



Gazeta das Aldeias

N.º 2553

16 DE OUTUBRO DE 1965

Sala _____
Est. _____
Tab. _____
N.º _____

Alimentos Compostos

MINERALIZADOS



VITAMINADOS



SOJAGADO

3698

O êxito da exploração dos animais domésticos, depende, na maior parte, dos cuidados postos com a sua alimentação, que deverá ser convenientemente equilibrada, tanto sob o aspecto da quantidade como da qualidade dos seus componentes.

As farinhas «SOJAGADO» compostas à base de soja, constituem um alimento concentrado que satisfaz completamente as necessidades nutritivas dos animais, havendo uma fórmula para cada espécie e natureza da exploração pecuária.

O seu alto valor em proteínas, hidratos de carbono e sais minerais, em conjugação com a sua riqueza em vitaminas, assegura o melhor resultado em qualquer exploração caseira ou agrícola, esta com ou sem especialização zootécnica.

Reconhecido e demonstrado o valor dos concentrados de soja, vários países estão a adoptar e fomentar este tipo de arraaçamento, que chega a atingir, já hoje, nos Estados Unidos da América, cerca de 70% dos compostos utilizados pelas explorações pecuárias e industriais (comunicação ao Congresso Internacional de Bari).

Também Portugal dispõe já destas farinhas concentradas que tal como no estrangeiro, são igualmente fornecidas em sacos de papel, evitando-se assim os inconvenientes verifi-

cados com sacaria vulgar, principal agente da transmissão de virus ao transitar por zonas infectadas.

As rações compostas «SOJAGADO» substituem vantajosamente os «TOURTEAUX» e as farinhas de grãos vulgares ou farelos, por resultarem duma estudada e racional combinação das qualidades de cada um desses produtos, completadas com a encorporação de certos elementos, em especial minerais e vitaminas, o que lhes aumenta o seu valor nutritivo.

Ministram-se aos animais da forma costumada, idêntica-mente aos produtos semelhantes.

Para o gado leiteiro e bovino (Sojagado n.º 1, 2 e 13) é aconselhável a sua administração em beberagens ou na palhada, onde também é muito bem aceite.

Para o gado suíno (Sojagado n.º 3, 10, 12 e 14) é recomendável humedecer a farinha em água, de preferência amorrecida.

Para os galináceos (Sojagado n.º 4, 5, 6, 7 e 8 deve ser dada seca ou misturada com verduras.

As quantidades a empregar diariamente variam, como se compreende, com a espécie de gado, a idade e a função zootécnica que dele se pretende.

A Soja de Portugal Lda., fornece a todes os interessados as suas publicações instrutivas.

SOJA DE PORTUGAL, LDA. Fábrica de Alimentos Compostos para Animais

ESCRITÓRIOS: Rua dos Fanqueiros, 38-2.º

Apartado n.º 2692

Telefs.: 323830-327806

LISBOA - 2

DELEGAÇÃO DE VENDAS E CONSULTAS TÉCNICAS:

Rua do Almada, 152-4.º

Telef. 36970

PORTO

FÁBRICAS EM OVAR

Apartado 20 — Tel. 52063

GADO BOVINO LEITEIRO
MANUAL DO PROGRAMA COORDENADO



PROGRAMA
COORDENADO

AVES DE CAPOEIRA
MANUAL DO PROGRAMA COORDENADO



PROGRAMA
COORDENADO

PORCOS
MANUAL DO PROGRAMA COORDENADO



PROGRAMA
COORDENADO

**GUIAS COMPLETOS PARA
AUMENTAR A PRODUÇÃO
NA CRIAÇÃO DE AVES,
SUÍNOS E GADO LEITEIRO**

Solicite ao representante em Portugal da CYANAMID INTERNATIONAL os exemplares gratuitos dos «MANUAIS DO PROGRAMA COORDENADO DE ALIMENTAÇÃO E SAÚDE» para AVES, SUÍNOS E GADO LEITEIRO.

Estes manuais estão cheios de ideias práticas que o ajudarão a ganhar mais dinheiro. Estas recomendações são apresentadas em programas fáceis de realizar passo a passo. Cada programa começa com a criação e cuidados a ter com os animais, e termina com o combate às doenças. Mostre-lhe o que deve fazer em cada etapa da criação, a fim de obter os maiores rendimentos possíveis.

Anos de estudos demonstraram que V. pode produzir mais carne, leite e ovos com menos despesas, seguindo os programas descritos nestes manuais. Eles indicar-lhe-ão como poderá aumentar a produção, combatendo as doenças dos seus animais. Em cada programa combinam-se as técnicas científicas mais avançadas com a administração de:

- 1.º — AUROFAC suplemento alimentar que contém o antibiótico AUREOMICINA — clorotetraciclina.
- 2.º — As vacinas e medicamentos CYANAMID de eficácia comprovada. Aprese-se a obter os exemplares destes folhetos antes que se esgotem.

**PROGRAMA
COORDENADO**

* Marca Registrada

CYANAMID

**CYANAMID INTERNATIONAL
U. S. A.**

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

Sociedade Farmacêutica Abecassis, S. A. R. L.
RUA CONDE REDONDO, 64 — LISBOA — TELEFONE 73 69 51

3243

DESINFECTANTES DE SEMENTES

“SCHERING”

TUBAVIT

desinfectante especial para trigo com 12% de Hexaclorobenzeno

ABAVIT-NEU

1,7% de Mercúrio, em combinação orgânica

Distribuidores Exclusivos:

AGUIAR & MELLO, L.^{DA}
Praça do Município, 13-1.º — LISBOA



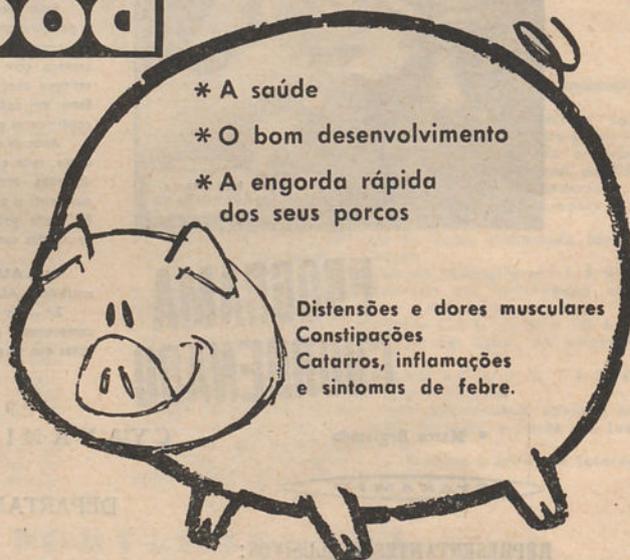
2891

PÓS PARA PORCOS

Karswood

Caixas de 12 «Pacotes Dose»
contendo:

Sesquióxido de ferro, hipofosfito de ferro, sulfato ferroso anidro, sulfato de cálcio, hipofosfito de cálcio, fosfato de cálcio, hipofosfito de magnésio, magnésia calcinada, hipofosfito de manganês, iodeto de potássio, enxofre e fenolftaleína.

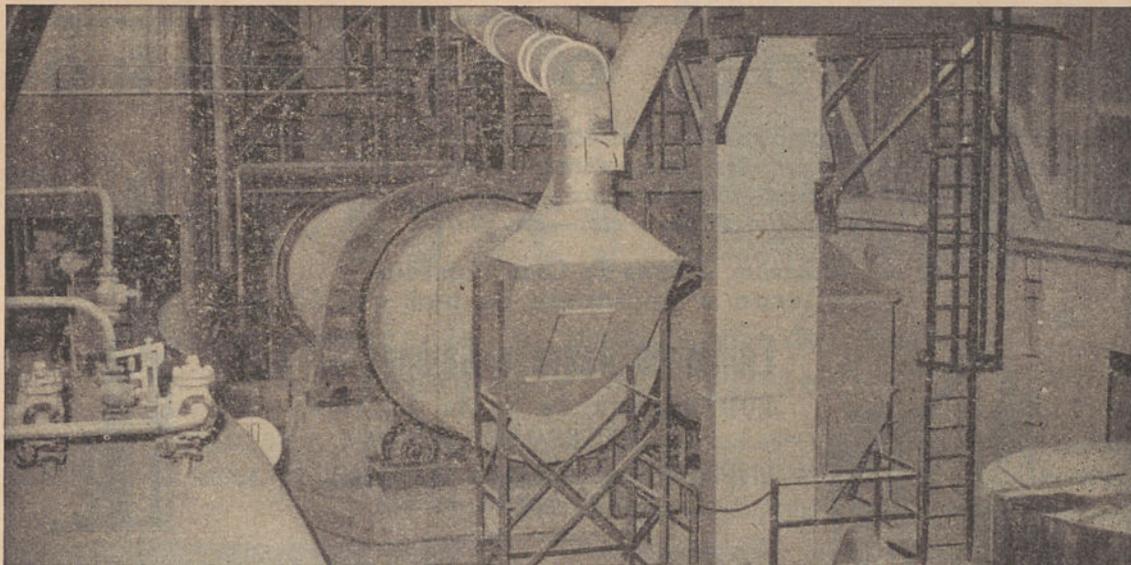


- * A saúde
- * O bom desenvolvimento
- * A engorda rápida dos seus porcos

Distensões e dores musculares
Constipações
Catarros, inflamações
e sintomas de febre.

F. Lima & C.^a, Sucr., L.^{da} — Departamento Pecuário
Avenida Fontes Pereira de Melo, 17-4.º — Telefones: 4 47 37-4 55 15 — Lisboa-1

4141



Senhor Lavrador

Prefira os Adubos Compostos CUF

— Garantia de boas colheitas —

— Na adubação de inverno da **vinha** e **olival**:

	Azoto (N)	Fósforo (P ₂ O ₅)	Potássio (K ₂ O)
FOSKAMONIO 111	10%	10%	10%
FOSKAMONIO 122	7%	14%	14%
FOSKAMONIO 222	15%	15%	15%

— Na adubação de sementeira da **batata**:

FOSKAMONIO 111	10%	10%	10%
FOSKAMONIO 112	7%	7%	14%
FOSKAMONIO 122	7%	14%	14%
FOSKAMONIO 222	15%	15%	15%

Utilize os adubos nacionais especialmente estudados para os solos e culturas nacionais



Companhia União Fabril

LISBOA—Avenida Infante Santo, 2 • PORTO—Rua do Bolhão, 192

Depósitos e Revendedores em todo o País

CONTROLE O SEU VINHO

Ebuliômetros — Termómetros — Aparelhos de destilação — Acidímetros Mathieu de 1-2-4-6 ensaios, para a determinação de acidez volátil nos vinhos — Alcoómetros — Densímetros — Pesa-mostos — Licores acidimétricos — etc. — etc.

Sempre em armazém artigos da Casa Dujardin-Salleron e nacionais de boa qualidade.

4147



Emilio de Azevedo Campos C.^a L. da

PORTO — Rua de Santo António, 137
TELEFONE, 20254/5

LISBOA — Rua de Antero de Quental, 17-1.^o
TELEFONE, 553366



Material para Análise do Leite e seus derivados

Butirômetros e rolhas Fibú; Acidímetros Dornic; Lactodensímetros ou pesa-leites; Pipetas de Kipp e outras, Centrifugas, Balanças, etc., etc.

OS MELHORES ARTIGOS AOS MELHORES PREÇOS
PEÇAM-NOS TABELAS

O MELHOR CAFÉ

É O DA

BRASILEIRA

61, Rua Sá da Bandeira, 91

Tels.: 27146, 27147 e 27148 — PORTO

(Envia-se para toda a parte)

2854

PARA AS GALINHAS

USAR o conhecido **DESINFECTANTE ZAP**

ENÉRGICO, ACTIVO, EFICAZ

Aplica-se nos bebedouros das aves e é **INOFENSIVO** para os animais domésticos

Com o desinfectante ZAP as galinhas não se contaminam

Frasco pequeno - 12\$50 • Frasco grande - 50\$00

Vende-se em todas as farmácias, drogarias, aviários, etc.



DISTRIBUIDORES
GERAIS

**Vicente Ribeiro
& C.^a**

R. dos Fanqueiros, 84, 1.^o, Dt.^o

L I S B O A

SEMENTES

1862

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que nesta época devem semear as seguintes variedades:

Alfaces, Beterrabas, Cenouras, Couves diversas: Couve flor, Bróculo, Repolho, Penco de Chaves, Penco de Mirandela, Penco da Póvoa, Tronchuda, Espinafres, Nabos de diferentes variedades, Rabanetes, assim como: Azevêns, Erva molar, Luzernas, Lawn-grass Ray-grass, Trevos, etc., etc. e ainda uma completa coleção de Flores.

Se deseja SEMEAR E COLHER dê preferência às sementes que com todo o escrúpulo lhe fornece a

“SEMENTEIRA” de Alípio Dias & Irmão

Rua Mousinho da Silveira, 178 — Telefones 27578 e 33715 — PORTO
CATÁLOGO — Se ainda não possui, peça-o

N. B. — Preços especiais para revenda que lhe será enviado gratuitamente



AUREOMICINA

CLOROTETRACICLINA

LANÇA-DOSES



Para a prevenção e tratamento da diarreia e pneumonia dos leitões

A AUREOMICINA LANÇA-DOSES foi criada para uso no controlo da diarreia e pneumonia bacterianas dos leitões. É uma fórmula especial, semi-sólida, de AUREOMICINA, clorotetraciclina, em óleo, completamente misturada e pronta para uso.



A administração faz-se pela boca. A seringa especial de matéria plástica, não recuperável, dentro da qual se encontra o medicamento, tem uma ponta branda de plástico que não pode lesar a boca do báculo. Cada seringa de 10 doses (10 cc) contém 500 mg de AUREOMICINA, Clorotetraciclina — 50 mg por cc. O êmbolo da seringa está marcado, sendo assim fácil administrar a dosagem correcta.

Coloque-se simplesmente a ponta da seringa na boca do leitão e exerça-se pressão sobre o êmbolo, fazendo-se deslocar até à divisão correspondente.

A fórmula especial do LANÇA-DOSES adere à língua, não escorre para fora da boca, não se perde, nem passa para os pulmões por forma a poder causar pneumonia.

A dosagem recomendada é de 1 dose (1 cc), dos 2 aos 4 dias de idade, repetida 3 dias depois, conforme for necessário.

Fácil de usar: basta colocar a ponta branda da seringa de matéria plástica na boca do leitão e premir o êmbolo até à marca para que saia uma dose do LANÇA-DOSES DE AUREOMICINA.

Estudos do sangue e dos tecidos mostram que os níveis de AUREOMICINA, para um tratamento eficaz, perduram por 3 dias, consecutivamente a uma só dose do LANÇA-DOSES de AUREOMICINA.

Apresentação: Seringa (não recuperável) de 10 cc (10 doses)

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO

Cyanamid International

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E ULTRAMAR
SOCIEDADE FÁRMACÊUTICA ABECASSIS, S. A. R. L.

R. Conde Redondo, 64-LISBOA ♦ R. Santo António, 15-3.-PORTO

• Marca Registrada

CYANAMID

3211

FERTIZAL ADUBO FOLIAR

Um progresso em fertilização!

- estimula a actividade vegetativa
- antecipa a maturação
- favorece o desenvolvimento da fruta e evita a sua queda
- melhora a cor e a qualidade
- aumenta os rendimentos unitários

3686

CONSULTE A SAPEC SOBRE A ADUBAÇÃO FOLIAR

LISBOA

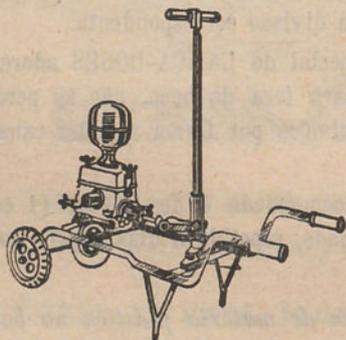
Rua Victor Gordon, 19
Telef. 366426



Agência no PORTO

R. Sá da Bandeira, 746-1.º D.º
Telef. 23727

DEPÓSITOS E REVENDEDORES NO CONTINENTE, ILHAS E ULTRAMAR



Material Vinícola

Bombas de trasfega de diversos tipos, esmagadores e prensas, máquinas de arrolhar, tubo especial para trasfega, ligações de metal, etc.

GRANDES SORTIDOS

CASA CASSELS

PORTO — Rua Mousinho da Silveira, 191 — Telef.: 28211 - 12 - 13
LISBOA — Avenida 24 de Julho, 56 — Telefone, 661778

Jóias-Pratas
Mármore-Bronzes
e prendas para
Baptizados e
Casamentos

3056

Ourivesaria ALIANÇA

PORTO

191, R. das Flores, 211

Filial em LISBOA:
R. Garrett (Chiado), 50

CORREIAS — MANGUEIRAS — COLAS

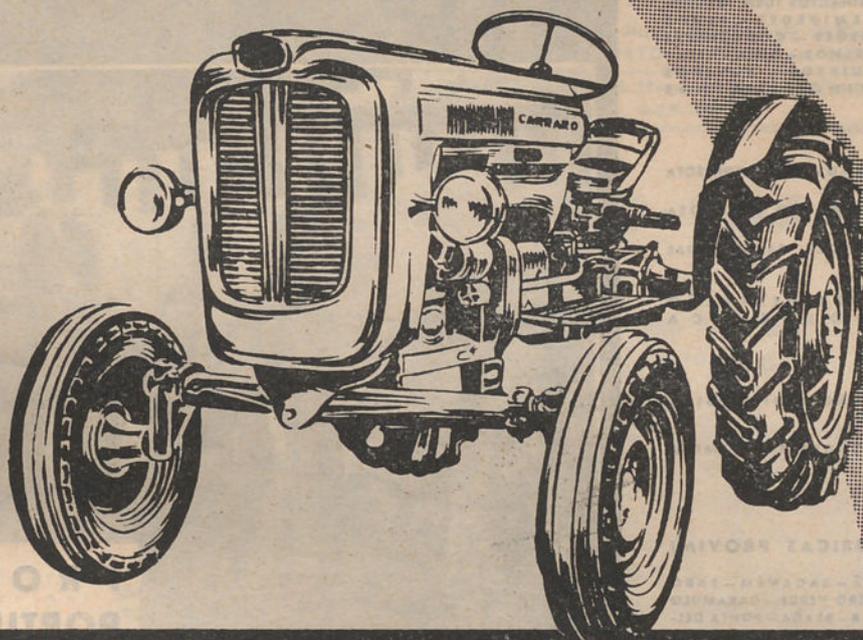
GOOD YEAR

Distribuidores exclusivos: Canelas & Figueiredo, Lda. — R. Fanqueiros, 46 — LISBOA

3643

O mais moderno tractor europeu

OVIC



CARRARO

- * 35 HP. A 1.700 ROTAÇÕES
- * ARREFECIMENTO POR AR
- * ELEVADOR HIDRÁULICO DE CONTROLE AUTOMÁTICO
- * GRANDE MANOBRABILIDADE
- * INCOMPARÁVEL BELEZA DE LINHAS

3989



Agência Comercial de Anilinas, Lda.

Avenida Rodrigues de Freitas, 68

TELEF. 55161

P O R T O



PROVIMI

RAÇÕES E CONCENTRADOS

GALINÁCEOS (GEN. GALLUS)
PALMÍPEDES — PERUS
FAISÕES — CODORNIZES
COELHOS — CHINCHILAS
EQUÍDEOS — BOVINOS
OVINOS — SUÍNOS

FORMULAÇÃO CORRECTA

LABORAÇÃO RIGOROSA

CONTROLO LABORATORIAL

EXPERIMENTAÇÃO
ZOOTÉCNICA

EFICÁCIA BIOLÓGICA

EFICÁCIA ECONÓMICA

FÁBRICAS PROVIMI

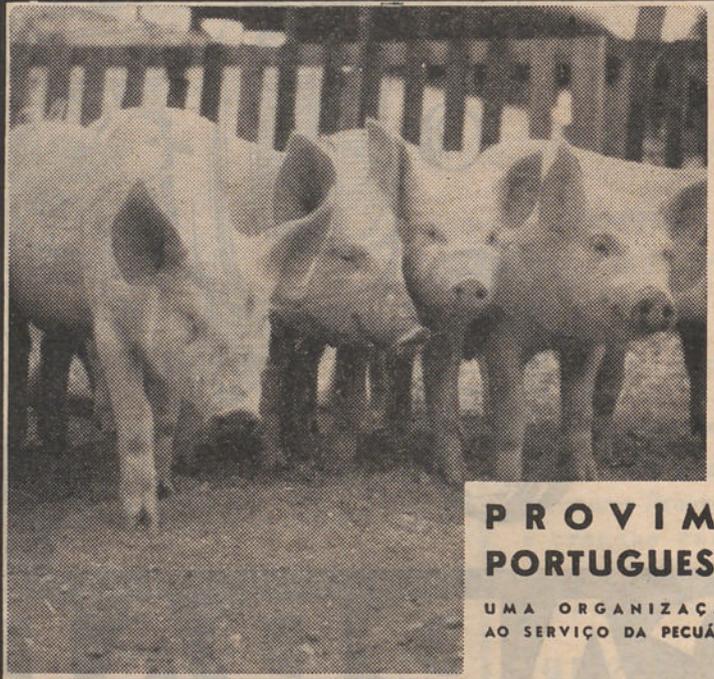
PAIÀ — SACAVÉM — FARO
CASTRO VERDE — CARAMULO
OVAR — BRAGA — PONTA DEL-
GADA — FUNCHAL — MALANGE

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

ALOJAMENTOS
ALIMENTAÇÃO
TÉCNICAS DE EXPLO-
RAÇÃO — NORMAS DE
CRIAÇÃO — HIGIENE
DAS PRODUÇÕES
G E S T Ã O



SÍMBOLO DE PRESTÍGIO MUNDIAL



PROVIMI PORTUGUESA

UMA ORGANIZAÇÃO
AO SERVIÇO DA PECUÁRIA

LISBOA

R. Filipe Folque, 2, 2.º
Tel. 42111

PORTO

R. Sá da Bandeira, 746, 2.º-Dto.
Tel. 30869

RAÇÕES E CONCENTRADOS

DISTRIBUIDORES EM TODO O PAÍS

SUMÁRIO

Bens ao luar	761
A propósito de dois documentos com interesse para a história da Cinegética em Portugal — Prof. C. M. Baeta Neves	762
A fruticultura moderna e a condução em palmeta — Eng. Agrónomo Dúlio Marques . . .	765
Repopoamento pelo castanheiro de terras favoráveis à sua cultura — Eng. Silvicultor Columbano Taveira Fernandes . .	768
Informações úteis	770
As Cooperativas em Portugal — Asadegas na área da Junta Nacional do Vinho — Eng. Agrónomo H. Bonifácio da Silva	771
O aprovisionamento artificial das abelhas — Eng. Agrónomo Vasco Correia Paixão	773
A Zootécnia e os Concursos Pecuários — Médico Veterinário José Carrilho Chaves	776
Pragas Florestais — Eng. Silvicultor Francisco de Azevedo e Silva	777
Apontamento de uma viagem — De Zadar a Split — Eng. Silvicultor — Maximino Alvarez . .	779
Mirante — Vinhos Verdes — Conde d'Aurora	782
O leite, matéria prima da indústria dos lacticínios — José Luis Pessoa da Graça	785
Através do Mundo — Breves apontamentos de Geografia Agrária Comparada — Eng. Silvicultor João da C. Mendonça	786
Caça e Pesca — Recordações — Almeida Coquet	790
O «Nogueiral» — Eng. Agrónomo e Silvicultor Carlos H. Gomes Ferreira	792
SERVIÇO DE CONSULTAS	
— Agricultura	795
— Silvicultura	796
— Avicultura	796
Informações	798

A NOSSA CAPA



Espigueiro de tipo largo

Priscos, Braga

Gravura extraída do livro «Espigueiros Portugueses», editado pelo «Centro de Estudos de Etnologia Peninsular» — Porto

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Julio Gama*

REVISTA QUINZENTAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR
AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) * Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66—PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS—PORTO * Telefones: 25651 e 25652Composto e impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º—PORTO

BENS AO LUAR

As condições climáticas do ano em curso continuam a ser o mais adversas possível para as actividades agrícolas.

À prolongada e quase total ausência de chuvas que comprometeu o ano cerealífero, fez abater fora de época boa parte do efectivo pecuário por falta de forragens, favoreceu a proliferação de pragas, dificultou a vegetação da videira que amadureceu mal os seus frutos, segue-se uma queda pluviométrica intempestiva, volumosa, que nenhum benefício trouxe dada a violência que revestiu.

Colheitas à pressa, em más condições, agravando a falta da super-abundante mão-de-obra habitual, tudo são arrelias, preocupações e prejuízos para o Sector Agrícola, já duramente posto à prova.

E o prejuízo não é só o imediato e aparente, pois se prolonga pelo da erosão causada nas terras mirradas pela longa estiagem, presa fácil das águas que lavam e carregam os materiais mais valiosos dos solos, desfalcando sem remissão o seu potencial produtivo.

Enquanto escrevemos, vemos ao longe as águas do Douro correndo barrentas, pastosas quase, prenhes das argilas roubadas desde a meseta às pobres terras, já esqueléticas, da região transmontana.

Inconveniente de quem, por necessidade, explorou demais os solos, inconveniente de quem tem e de quem trabalha bens ao luar.

A propósito de dois documentos com interesse para a história da Cinegética em Portugal

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES
Engenheiro Silvicultor

A PROVEITANDO a oportunidade, já referida em artigo anterior sobre assunto idêntico, de ter frequentado durante algum tempo o Arquivo Nacional da Torre do Tombo com maior assiduidade, procurei coligir ali alguns documentos que, dizendo respeito à Cinegética, permitissem completar a apreciação a fazer da actividade dos Monteiros-mores, uma vez que estes vieram, de certa altura em diante, a intervir também em toda a Venatória, para além da Montaria pròpriamente dita, que sempre lhes disse respeito.

Nesse artigo, além da divulgação da fotografia de um desses documentos, foram feitas umas tantas considerações a propósito da história da Cinegética em Portugal, a título de introdução a outras achegas que as circunstâncias de futuro viessem a permitir-me divulgar; o assunto foi assim anunciado como mais um tema a desenvolver nas páginas da *Gazeta*, à medida que fossem surgindo novos ensejos para ir contribuindo, embora modesta e timidamente, para o seu melhor conhecimento.

Irresistivelmente atraído pelos estudos históricos ligados ao passado da profissão de Engenheiro Silvicultor, as oportunidades não faltam, apenas o tempo não chega para delas tirar todo o proveito e prazer que oferecem.

Aproveitando desta vez um pequeno intervalo de trabalhos mais urgentes,

entre aqueles que a obrigação me impõe, tem este artigo a finalidade de dar publicidade a dois documentos encontrados naquele Arquivo Nacional, cuja transcrição foi muito amavelmente realizada pela Conservadora Dr.^a D. Maria Teresa Acabado, a quem, mais uma vez, dirijo os meus melhores agradecimentos pela preciosa colaboração assim prestada ao Autor, ainda tão estranho em tão vasto mundo.

* * *

O primeiro documento, datado de 16 de Janeiro de 1526, arquivado no Livro 12, fl. 10 v., da Chancelaria de D. João III, diz respeito à mercê concedida por este Rei a Marcos Afonso, morador em Almeirim, de poder caçar com negaças e falcões, sendo dispensado de certos tributos, serviços e encargos, e defendido de exigências e obrigações em relação a outros locais onde morasse, colocando-o assim em situação de manifesto privilégio.

O segundo documento, datado de 18 de Agosto de 1722, arquivado no Livro 62, fls. 111-111 v., da Chancelaria de D. João V, trata da licença que foi pedida por Henrique Vieira de Carvalho «capitam de Infantaria auxiliar na praça de Chaves» para caçar a tiro «Lavancos» (Pato real, pato bravo) e outras aves de arribação, que nos meses de Inverno aparecem nos arredores daquela cidade. Tal licença foi-lhe concedida no período correspon-

dente aos meses de Outubro (inclusivé) até à entrada de Março.

Neste último documento é feita ainda uma curiosa referência não só ao grande número («muitas») licenças idênticas que tinham sido passadas, mas também às razões dessa liberdade, uma vez que a caça de tais aves contribuía tanto «para o sustento da terra como para se evitar o damno que fazem nas searas».

* *

Quanto se divulga assim, a propósito destes dois documentos, poderá não ter um grande interesse, mas dá uma ideia, em relação às duas datas e épocas correspondentes, da natureza de alguns problemas de Cinegética postos à consideração Real e da forma como eram resolvidos.

Por um lado Marcos Afonso pede para caçar com negaças e falcões e por outro, já na altura de serem usadas as espingardas de pederneira, Henrique Vieira de Carvalho, pede facilidades idênticas, e tanto em relação à primeira pretensão como à última as decisões tomadas foram favoráveis aos respectivos peticionários.

Note-se ainda que a autorização dada a Marcos Afonso lhe foi comunicado por intermédio de D. João de Alarcão, que ao tempo desempenhava o alto cargo de Caçador-mor, enquanto que no caso de Henrique Vieira de Carvalho foi através dos desembargadores do Paço, Drs. António dos Santos de Oliveira e António Teixeira Alvarez, ambos do Conselho de Sua Magestade, D. José I.

* *

A História da Cinegética em Portugal está ainda por fazer, embora existam várias obras onde o assunto é tratado em maior ou menor extensão; mas o que falta é ir espolhar, para além do trabalho já feito, quanto possa estar ainda esquecido nos vários arquivos onde existam documentos a seu propósito.

Como fontes actuais de informação destacam-se as obras de Gomes Ramalho (obra citada no artigo anterior, sobre a

«Legislação Agrícola» desde 1139 a 1495) e Gama Barros (obra igualmente citada sobre a «Administração Pública» nos séculos XII a XV, englobando assim período semelhante), ambas dizendo respeito às épocas mais recuadas da nossa História, correspondentes às duas primeiras Dinastias.

Gama Barros no Vol. I (1139 a 1385) além das «Cartas» e «Posturas» que especialmente se referem à Caça, a começar por uma carta de 1 de Abril de 1255, a mais antiga citada, trata ainda de outros assuntos relacionados, como: *Aljavas*



Representação alegórica da «Caça» no Jardim do Bispo de Castelo Branco

(estojo em que se metiam as setas), *Aves perdidas, Cães, Coelheiros, Coutadas, Encoutos* (Multas ou penalidades aplicadas por transgressão das leis, como o uso de armas proibidas, entrada em coutos ou coutadas, etc.), *Falcões, Gaviões e Veados*.

No Fasc. I (1385 a 1446) do Vol. II,

também são várias as «Cartas» e «Alvarás» transcritos, bem como as referências a: *Cães*, *Coutadas*, *Monteiro-mor*, *Lobos*, *Porcos monteses* e *Veados*, documentação ainda mais abundantemente representada no Fasc. II (1447 a 1495) do mesmo Volume.

Neste último fascículo além de numerosas «Cartas», «Alvarás» e «Títulos», é incluída uma «Carta» dizendo respeito a *Abutheiros* (caçador de abutres), e vasta documentação a propósito de *Coutadas*.

Gama Barros trata da Caça juntamente com a Pesca na Secção I, do Capítulo I (Ocupação), do Título II (Aquisição do direito de propriedade), da Divisão II (Regimen da propriedade) do Livro III (Situação económica do paiz) pg. 37 a 92, do Tomo VI, 2.^a edição, 1949, onde é dedicada especial atenção aos dois assuntos, até certos ponto afins, hoje indessuavelmente reunidos debaixo da designação única de «Ordenamento da Vida Selvagem», quando encarados sob o ponto de vista técnico-económico.

As *Coutadas*, como tema também intimamente relacionada com a Cinégética, vêm incluídas na Secção V (*Coutadas e Criação de Gados*, pg. 141 a 169), do Capítulo I (A Agricultura nos Tempos dos Visigodos e durante a dominação dos Mussulmanos), do Título I (Agricultura), da Divisão III (Agricultura, industria e comércio) do mesmo Livro III, Tomo IX da 2.^a edição (1950).

Não esquecendo a obra de Gabriel Pereira («Caçada», 1.^a parte e «As Caçadas», 2.^a parte, n.os 29.º e 33.º dos «Estudos eborenses — História, Arte, Arqueologia» publicadas entre 1886 a 1896), a que também em artigo anterior já fiz referência, fica assim indicada a bibliografia de maior interesse para quem se queira iniciar na História da Cinégética em Portugal, excluídas as obras mais especializadas sobre *Montaria* (Livro de D. João I) e *Falcoaria* e *Altanaria* (Livros de Pero Menino e de Diogo Fernandes Ferreira).

* * *

Um dos aspectos que mais gravemente pode afectar a vida de um país, quando este pretende fazer respeitar os

seus direitos históricos, é a ignorância generalizada dos fundamentos destes últimos e a falta de actualização das conclusões, e atitudes consequentes, deles deduzidas; quando as decisões tomadas no nível superior da governação não têm um eco imediato e espontâneo na maioria dos seus habitantes alguma razão haverá, como possa ser só por si a baixo nível cultural da população, para que essa resposta não surja com a oportunidade e vigor necessários, a garantir a coesão indispensável entre governantes e governados.

A História como a Língua são raízes ou denominadoras comuns que podem sobrepor-se a todas as divergências de opiniões, no sentido da harmonia construtiva de que depende o progresso das nações; cultivá-las, no sentido do apuramento dos estudos próprios, parece ser um caminho lógico para se atingir este último. Mas para tanto é fundamental, nomeadamente nos tempos que vão correndo, que não se faça nem do passado nem do idioma uma fronteira inexpugnável ao entendimento com todos os outros povos, cada vez mais forte como é a força que tende a aproximar os países de cultura e interesses económicos mais afins, como fase intermédia de um universalismo inevitável, à medida que vão aumentando os conhecimentos humanos tanto em relação às armas atómicas na Terra, como às condições de vida nos outros planetas, que tão ambiciosamente pretende alcançar.

Fotografia do Autor

ERRATA

No artigo «Mas só?!...» publicado no último número e como certamente os nossos estimados leitores já notaram, por lapso saiu gralhada a legenda da fotografia, pois que a representação alegórica do «Fogo» diz respeito ao Jardim do Bispo em Castelo Branco e não em Viseu, como se disse.

Do lapso pedimos a devida desculpa.

A fruticultura moderna e a condução em palmeta

Por DUÍLIO MARQUES
Eng. Agrónomo

NÃO vai longe o tempo em que os agricultores interessados na produção de fruta procuravam juntar inúmeras espécies e variedades em reduzida área, esperando assim ter de tudo em todo o tempo e em grande escala.

Cada época tem as suas ideias, cada moda os seus figurinos, e se nas saias das mulheres, nos penteados e nos chapéus, as modas são cíclicas, embora sujeitas à influência decisiva das ideias mais ou menos revolucionárias do momento, nestas coisas agrícolas, embora ditadas por causas e princípios diversos, não estamos também livres das modas cíclicas, dos figurinos da época.

As senhoras encontram razão de ser para algumas modas que possam considerar-se racionais, esquecida a futilidade do hábito, a estranheza e o exótico.

Nós, os da terra, procuramos soluções viáveis para ansiedades naturais ou necessidades prementes que o evoluir dos tempos ditou e a que devemos submeter-nos.

O que satisfazia anos atrás em produção e qualidade já hoje nos não interessa, a menos que queiramos ficar agarrados a coisas antigas mesmo quando não tenham uma «patine nobre» ou uma acertada justificação. Assim é que o transporte a dorso de animal, para além do puro interesse desportivo, passou a dar lugar ao automóvel e ao avião, que nos não parecem já coisas avançadas, mas meios de vida da época em que vivemos.

Também o agricultor progressivo de hoje, esqueceu o pomarzinho da beira da casa, com um pouco de tudo, sempre que

ultrapassou a agricultura de subsistência, para se lançar abertamente na produção com vista ao mercado. Não mais o covacho para plantar uma árvore qualquer depois deficientemente cuidada, com adubações inadequadas, podas defeituosas e sanidade duvidosa; não mais a área reduzida que não interessa ao que compra nem rende ao que vende; não mais a improvisação, o «seja o que Deus quiser».

Há muito tempo já que o agricultor evoluído ultrapassou este estágio, ainda que usando condescendentemente uma ou outra ideia antiga, mas regendo-se vulgarmente por outras ideias, certas 30 anos atrás, ultrapassadas hoje porque as condições gerais se modificaram.

O imperativo do uso das máquinas, a falta de suficiente mão-de-obra especializada e até não qualificada, o alto nível dos salários, cada vez mais elevado, a obrigação de aumentar a produtividade, por economia racional nos factores investidos na «terra», acompanhados do aumento de produção, obriga a encontrar novas técnicas ou a actualizar outras antigas e a lançar mão de meios diferentes de actuação.

Por outro lado, o ritmo de vida que comanda uma permanente desvalorização das moedas, não dispensa uma rápida rentabilidade dos capitais investidos, o que determina o desejo da entrada quase imediata em produção de quaisquer plantações que se façam. O mesmo princípio, junto com a evolução extraordinária da técnica, empurra para a reintegração das máquinas agrícolas em períodos pequeníssimos que chegam a não exceder 5 anos,

mesmo para unidades de elevado valor de aquisição. Na realidade, bastaria o constante aparecimento nos mercados de novos tipos de máquinas, às vezes simples modelos, sempre mais e mais aperfeiçoadas, que tornam antigas e ultrapassadas em poucos anos as máquinas que ainda ontem consideravamos surpreendentes de eficácia, para justificar esta pressa de retirar da terra, muito rapidamente os valores que lá metemos.

Claro que caímos por vezes em exageros que trazem bem à vista o cunho de um capitalismo elevado ao mais alto grau que nos domina, quando é certo que o capital deverá servir-nos, como factor de produção que é, mas nem de longe o mais importante, que ainda acreditamos no investimento intelectual que o homem representa.

Os novos sistemas de condução de pomares, em que a palmeta tem papel de preponderância, procuram precisamente responder às necessidades actuais que acabamos de enunciar.

A tendência é para uma redução de mão-de-obra, embora utilizando elementos muito mais especializados e por isso mais caros; assim para o uso de máquinas. Desta forma, só onde as condições de solo e clima dêem garantia e a dimensão seja aceitável, se pode começar a trabalhar, certos de que por muitas dificuldades que revista a produção, o problema número um é sempre comercializar, o que obriga a conseguir um produto de alta qualidade e obtido a elevado nível de produtividade.

Encontradas as condições de solo e clima e de dimensão (mínimo 1 Ha), a mobilização fundiária, surriba ou ripagem, haverá que realizar-se mecânicamente, cuidados os problemas da natureza do solo e subsolo, de rega e de drenagem, exposição, defesa aos ventos dominantes, etc..

Aceite sem discussão o ponto que fixa uma só espécie; vincada a necessidade de não multiplicar o número de variedades, reduzindo-as a 2 ou pouco mais, sendo uma básica e as outras polinizadores, há que fixar o compasso de plantação. Isto depende da natureza do

solo que marca a espécie e variedades, o cavalo e o tipo de condução pomícola.

Se o solo dá garantias de um óptimo desenvolvimento vegetativo é de considerar o emprego da palmeta de ramos oblíquos, uma forma autenticamente livre onde o pomicultor procura, na poda, fazer o mínimo possível de intervenções. Forma que apoia ou corrige ligeiramente, na medida da nossa utilidade os designios da natureza não os contrariando, no que se opõe firmemente à velha espaldeira francesa, forma presa de poda violenta, geométrica e assim contranatura, embora, de qualquer maneira, com largas possibilidades produtivas.

Procura-se antes que a poda, as inclinações e as curvaturas, junto com as adubações, estabeleçam um equilíbrio vegetativo, que visa fins económicos, dentro dos princípios que a fisiologia vegetal ensina.

É fundamental um grande desenvolvimento e um sólido esqueleto que não de ser a base de uma breve e elevada produção. Para isto o podador limita ao mínimo a sua acção, usando das maiores precauções para que não prejudique essa breve e elevada produção. Em substituição dos cortes repetidos usam-se inclinações e curvaturas, entrando a tesoura só quando não possa deixar de ser. E algumas correcções que obrigariam a supressões, tenhamos coragem de as deixar ficar para mais tarde, quando não forem tão prejudiciais à vida das árvores.

Em breve apontamento podemos dizer que a planta se forma em 4 a 5 andares, distanciados de 0,60 a 0,8m nas pereiras, e de 0,70 a 1,30m nas macieiras, conforme o seu vigor.

No primeiro ano, feita a plantação como mandam as regras bem conhecidas mas sempre pouco lunda, dado o enorme perigo da asfixia radicular, tão comum, a planta ainda como vareta, será atarracada a 0,70 a 0,80m para a macieira e 0,60m para a pereira.

Depois da rebentação e no caso de haver 3 fortes lançamentos que garantam a armação dos 2 ramos e o prolongamento para o 2.º andar, curvam-se os restantes lançamentos fortes deixando livres os mais débeis.

Os 2 fortes lançamentos que formam os ramos laterais devem ter inserções no eixo central, distantes cerca de 0,10 m.

No Inverno, estes ramos inclinam-se de uma ou mais vezes de modo a fazerem um ângulo de 50° com o eixo central. O ramo terminal que vai garantir o prolongamento desse eixo central e a montagem do 2.º andar, atarraca-se como dissemos a 0,60 a 0,80 m nas pereiras e 0,70 a 1,3 m nas macieiras, conforme o vigor.

Podem naturalmente surgir casos vários de vigor vegetativo, mais ou menos violento ou débil que obrigam a tratamento diverso que um técnico conhecedor sabe aplicar e que nos dispensamos de indicar nesta resenha de generalidades sobre o sistema.

Nos anos seguintes procede-se de forma idêntica em relação a cada novo andar até se atingirem os 4 andares.

Anote-se que as pernadas, os ramos que se inclinam em cada andar para ir abrindo a palmeta, nunca são desmontados.

A intensidade das inclinações encontra-se relacionada com o vigor das pernadas: as mais vigorosas mais inclinadas, as mais débeis menos ou até sem qualquer inclinação. Desta forma se força o lançamento de novos ramos — inclinando — ou o prolongamento da ponta — deixando-a livre.

Quando após vários anos de crescimento as plantas começam a tocar-se, enxertam-se de encosto os ramos, mas de modo que o seu prolongamento possa ainda continuar. Se as soldaduras são fortes as plantas formam como que uma sólida sebe, dispensando assim a armação.

Quanto a este ponto, os vários autores não estão concordes, recomendando uns o arame, outros varas de madeira que se cruzam no envasamento nas pernadas, outros ainda, varas verticais a que as pernadas se fixam. O custo da armação e da mão-de-obra ditam a solução a adoptar em cada caso.

Compreende-se a facilidade da mobilização das entrelinhas do pomar e da mesma forma dos tratamentos fitossanitários, da poda, da curvatura e da colheita, uma vez que árvores armadas desde baixo, não muito altas e desenvolvendo-

-se mais no sentido da linha do que da entrelinha, se apresentam na posição mais favorável. Igualmente a exposição à luz é ótima desde que as linhas sigam sensivelmente a linha Norte-Sul.

Na realidade o sistema foi estudado para o máximo de economia de mão-de-obra, o mais elevado grau de produtividade e o maior rendimento. É evidente que à grande economia de vária ordem na exploração, corresponde a necessidade do investimento em máquinas adequadas e em pessoal perfeitamente habilitado e assim a ideia que vimos repetindo de se respeitar uma dimensão mínima e de se procurar obter área que suporte bem esses investimentos em máquinas a mão-de-obra especializada. Naturalmente que dentro de certos limites e feitos com bom senso os cálculos necessários, quanto maior dimensão, tanto melhor, porque a incidência no kg de fruta do valor dos investimentos diminui quando a área aumenta.

Outro problema também já citado e de grande importância é o da comercialização. A ideia mais difundida entre a maior parte da Lavoura é a de que tem que se vender caro cada kg de fruta para haver compensação. Ora, embora sem desprezar o problema do preço unitário, não há dúvida que o que permite uma boa retribuição dos esforços do pomicultor é uma alta produção com boa produtividade, de fruta de grande valor comercial, inteiramente sã, e uma total venda.

Surge logo a ideia da cooperativa como tábua de salvação, que na realidade é, desde que tomada a luz dos verdadeiros conceitos cooperativos e não de uma deformação utilitária de abandono da terra e do pomar, de desinteresse quase, que anda para aí um tanto divulgada.

Não quer dizer que não possa ser assim, mas o transferir responsabilidades que nos competem e maçadas que devem ser nossas para outros, não poderá pagar-se a preço barato; isso paga-se e bem... Mas este é assunto que talvez tratemos de outra feita, com mais tempo e espaço.

Hoje desejamos apenas dizer algo sobre a palmeta, que não é panaceia, mas que usada quando e onde possa e deva ser, tem muito interesse e dá bom interesse material.

Repovoamento pelo castanheiro de terras favoráveis à sua cultura

Por
COLUMBANO TAVEIRA FERNANDES
Eng. Silvicultor

QUANDO se pretende repovoar um terreno pelo castanheiro ou se recorre à sementeira ou à plantação, sendo a primeira modalidade muito pouco usada no nosso País. Em qualquer dos casos, porém, deve-se preparar previamente o terreno com uma lavoura, a qual pode ser associada ao cultivo de uma gramínea ou leguminosa.

O castanheiro nos primeiros 5 anos só beneficia com os amanhos da terra e o agricultor poderá daquela maneira obter alguma compensação nas despesas a efectuar com o repovoamento.

Em certas regiões do País, mas principalmente na Beira Alta e Trás-os-Montes, é frequente consorciar-se o castanheiro com o centejo durante períodos muito longos. Não é de aconselhar para além dos 15 anos a fim de que não seja prejudicada a produção de material lenhoso e fruto. A consociação do castanheiro, com outra cultura a partir daquela idade, só é benéfica empregando leguminosas, por estas enriquecerem o terreno e portanto contribuir em larga escala para melhorar a produtividade daquela espécie lenhosa.

Sementeira

Esta modalidade de repovoamento parece querer generalizar-se, mas só deve ser utilizada quando se pretende a exploração do castanheiro para produzir mate-

rial lenhoso. Mesmo assim tem alguns inconvenientes dos quais se destaca o relativo à defesa contra pragas sobretudo de origem micósica. Em terreno fértil e mais ou menos plano a sementeira da castanha pode ser acompanhada com uma cultura de trigo ou outra gramínea no primeiro ano e no segundo com uma cultura de batata ou milho. Terminada a preparação completa do solo faz-se a sementeira em linhas separadas de um metro dispondo-se nelas e em cada covacho, distanciados de um metro ou 50 cm, duas ou três castanhas, dado as perdas que sofrem antes de terminar a sua germinação.

A sementeira pode fazer-se no Outono ou na Primavera devendo a castanha, no primeiro caso, ser enterrada a quatro ou cinco centímetros de profundidade e no segundo a 2 ou 3 centímetros.

É claro que apesar de todas as precauções verificam-se quase sempre muitas falhas provenientes sobretudo de danos causados por roedores e aves, as quais serão substituídas no ano seguinte.

Esta reposição deve fazer-se logo que caem as primeiras chuvas do Outono, aproveitando-se as plantas provenientes dos lugares onde se verificou maior percentagem de germinação ou recorrendo a viveiros.

No segundo ano convém associar o cultivo do castanheiro com a batata ou o milho, pois desta maneira ele beneficiará



RECTÂNGULO

dos amanhos culturais e adubos incorporados ao solo. Nos dois ou três anos seguintes as plantas não precisam de outros cuidados que não sejam a roça do mato nascido, e de uma lavoura superficial que remova a terra ao redor dos seus pés.

Quando o terreno tem forte declive e o solo é delgado a sementeira deve ser feita em faixas segundo as curvas de nível. Neste caso as castanhas devem ser dispostas em covachos separados de 25 cm, sendo a reposição das falhas efectuada nas condições anteriormente mencionadas, realizando-se nas faixas lavouras durante pelo menos 5 anos.

Plantação

É o sistema que normalmente se segue tanto para constituir povoamentos de castanheiros produtores de material lenhoso como de fruto. No caso de terrenos com um forte pendor adopta-se a cultura em banquetas (socalcos).

Antes de dar início à plantação deve-se preparar convenientemente o terreno por uma lavoura profunda sobretudo se o solo nunca foi mobilizado ou se encontra em pousio há vários anos.

Talhadias

Para esta modalidade de exploração do castanheiro a plantação deve ser feita

TRAÇADOS DE PLANTAÇÃO

QUADRADO

com plantas de um ou dois anos de viveiro em covas com $70 \times 70 \times 80$ centímetros distanciadas de 3 metros se o terreno é delgado e de 4 metros quando de profundidade regular. Quando o solo é declivoso a plantação deve ser efectuada segundo as curvas de nível.

Na plantação podem usar-se vários traçados sendo, no entanto, o quadrado e o rectângulo os mais usuais por serem de mais fácil execução. O traçado em equicôncio também se pode aplicar dado que aproveita melhor o terreno.

Para o estabelecimento de povoamentos de castanheiro e nos solos com predomínio de argila, as covas devem ser abertas, pelo menos, com um mês de antecedência.

Nas terras graníticas e soltas o período de antecipação pode ser reduzido. Contudo, em qualquer dos casos quanto maior for o período que medeia entre a primeira e a segunda operação melhores êxitos se alcançarão no repovoamento.

A época da plantação do castanheiro está condicionada às características climáticas da região; porém, como a cultura do castanheiro no nosso País se faz principalmente em regiões de invernos rigorosos, onde são de temer as geadas, aconselha-se plantar durante os meses de Janeiro e Fevereiro.

A plantação feita neste período tem muitas vantagens porquanto a terra da

cova está recém-removida, bem arejada e suficientemente húmida no momento em que se inicia a actividade do sistema radicular, factores que contribuem para um melhor enraizamento da planta, além de que são menos de temer as geadas.

Cuidados com a plantação

Antes de dispor os castanheiros nas covas convém deitar no fundo das mesmas um poceiro de estrume bem curtido e sobre este um pouco de terra de forma a que as raízes não assentem directamente sobre o estrume. Com este e a terra faz-se um cone até pouco mais de metade da altura da cova procurando que fique bem calcada a mistura e que a terra cubra o estrume de uma maneira perfeita. Aos castanheiros devem-se cortar, antes da plantação, as raízes mutiladas e os rebentos da base se os houver, e como medida de precaução desinfectar todo o sistema radicular e parte do caule com uma solução de sulfato de cobre a 2% (20 gr/litro). A planta fica dessa forma preservada durante a fase de pegamento contra os parasitas principalmente os causadores da «doença da tinta». Para maior eficácia poder-se-á ainda espalhar na terra da cova e em camadas sucessivas, desde o fundo até à superfície, doses de carbonato de cobre a 18% e de forma a conseguir-se uma mistura perfeita e uniforme do fungicida.

Após estas operações coloca-se o castanheiro no cone de forma a que as raízes fiquem bem distribuídas e não emaranhadas. Em seguida vai-se pondo terra na cova e calcando ligeiramente até completa plantação. Por último e sempre que possível aplica-se um regador de água para conseguir uma maior aderência do terreno às raízes. Os castanheiros devem ficar protegidos com palha para os preservar de golpes de sol e da acção nefasta das cabras e ainda amparados com um tutor.

Embora seja dispensável cremos ser vantajoso, sempre que o lavrador o possa fazer, aplicar sobre a superfície das covas, depois da plantação, uma certa quantidade de nitrato de sódio ou potássio a fim de favorecer o desenvolvimento das radículas e estimular o crescimento. A dose

a empregar é de 20 a 25 gramas por cova e ao fim de três ou quatro semanas pode fazer-se uma nova aplicação devendo repetir-se estas operações na Primavera do 2.º ano.

Soutos

Denominam-se assim todos os povoaamentos de castanheiros, criados para a produção de fruto. Como o castanheiro de fruto desenvolve a sua ampla copa livremente, precisa no seu cultivo de um bom espaçamento, pois como é sabido os seus frutos só se desenvolvem nos ramos terminais. Sobre esta modalidade de exploração e técnicas complementares esperamos poder pronunciar-nos brevemente.

(Continua)

INFORMAÇÕES ÚTEIS

(De Rádio Rural)

A profundidade a que devem ficar as sementes nos viveiros florestais varia essencialmente com a sua dimensão. A cobertura de terra tem por fim promover as condições mais favoráveis à germinação e evitar o seu arrastamento pelo vento e água ou destruição por animais.

Para as sementes de dimensões médias, como as de pinheiros, cupressus, pseudotsuga, pode aceitar-se a regra de que não devem ficar enterradas a uma profundidade superior a três vezes a sua maior dimensão.

* * *

As aves apresentam, com frequência, o vício de comer os ovos ou ovofagia. Sempre que tal aconteça, reveja a composição das rações, pois é provável tratar-se de um desequilíbrio ou carência mineral. Tenha sempre à disposição das aves, em comedouros especiais, farinha de casca de ostra ou qualquer outro produto rico em cálcio.

As Cooperativas em Portugal

As adegas na área da Junta Nacional do Vinho

Por H. BONIFÁCIO DA SILVA
Engenheiro Agrónomo

A lei que criou as cooperativas em Portugal data de 2 de Julho de 1867. Define-as «como associação de um número ilimitado de membros e de capital indeterminado, variável, instituídas com o fim de mutuamente se auxiliarem os sócios no desenvolvimento da sua indústria, do seu crédito e da sua economia doméstica».

À medida que os anos se têm passado, o cooperativismo vem-se radicando no espírito das nossas gentes. As raízes alastraram, e o movimento de solidariedade aumentou, essencialmente nos anos do após-guerra. E foi no sector vinícola, que o movimento associativo alcançou maior incremento. De norte a sul do País, o entusiasmo não pára, sob o patrocínio da Junta Nacional do Vinho e da Junta de Colonização Interna. Erguem-se novos «templos de Baco», ampliam-se as adegas existentes, moderniza-se o equipamento no sentido de melhorar a qualidade média dos vinhos, de aumentar o rendimento e de se conseguir o aproveitamento mais completo possível dos subprodutos e de se reduzir o custo da produção.

«A necessidade de criar capacidade de armazenagem própria, como comentam os Engs. A. Miguel e R. de Oliveira, foi motivo forte para que a Junta movimentasse e pudesse dar corpo a uma ideia que, anteriormente, se julgava viável apenas através da prévia educação cooperativa».

Convém acentuar, que as cooperativas não devem representar só uma união de capitais, mas sobretudo uma representação de homens honestos e solidários, atraídos pela mesma causa, prontos a satisfazerem não só os seus anseios económicos, mas também os sociais, morais e intelectuais. É preciso frisar, que a disciplina no seio da comunidade é uma condição de êxito. Os requisitos que constituem a principal riqueza da cooperação resumem-se nos seguintes: desinteresse, solidariedade, camaradagem, preocupação do trabalho bem feito, consciência profissional, probidade, respeito pelos compromissos tomados.

Feitas estas breves considerações, passamos a relatar a ordem do aparecimento das adegas na área da J. N. V.

A adega cooperativa de Muge, foi a primeira a funcionar datando de 1935. O seu edifício foi cedido pela Casa Cadaval; a segunda só apareceu 7 anos depois, em 1942, adega de Almeirim, funcionando nos armazéns da J. N. V.

A evolução do movimento cooperativo processou-se do modo seguinte: em 1945, surgiu a adega de Lagoa, com instalações provisórias que, em 1948, se tornaram definitivas; em 1946, apareceu a adega de Lagos; em 1947, funcionaram mais duas: Pinhel e Lafões; em 1948, começou a trabalhar a adega de Alcobaça; em 1949, entraram em funcionamento 3 adegas: Torres Vedras, Lourinhã e Fundão; em 1950, o número de adegas passou de 10



Engarraffamento dos vinhos na Adega Cooperativa de Lagoa

para 13, pois começaram a funcionar as adegas do Cartaxo, Mogofores e Olhalvo; em 1951, criaram-se as adegas do Bombarral e de S. Mamede da Ventosa; em 1953, criou-se a adega de Águeda; em 1954, criou-se a de Tavira; em 1955, é a vez de Portimão ter a sua adega; em 1956, construiu-se a adega de Chaves; em 1957, entraram em funcionamento 4 adegas: Cantanhede, Covilhã, Moimenta da Beira e Arruda dos Vinhos; em 1958, construíram-se 3 adegas; Borba, Bragança e Chamusca; em 1959, o movimento estacionou; em 1960, assiste-se à instalação de 6 adegas: Carvoeira, Figueira Castelo Rodrigo, Redondo, Souselas, Valpaços, V. Franca das Naves; em 1961, criou-se a adega do Pico, nos Açores; em 1962, trabalharam mais 5 adegas; Alcanhões, Batalha, Graciosa (Açores), Portalegre e Tarouca; em 1961, a adega de Portimão passou a ter instalação própria; em 1963, funcionaram as adegas de Macedo de Cavaleiros e da Vidigueira; em 1964, funcionaram 5 adegas: Bemfica do Ribatejo, Dois-Portos, Mealhada (instalação própria), S. Romão (Armamar) e Sobral de Monte Agraço; em 1965, devem funcionar as adegas da Granja (Cooperativa Agrícola), Merceana, Riba de Oura e Tomar.

Em 1964, a capacidade das adegas era de 180 882 pipas e as uvas recebidas: 128 003 259 kg.

A verba total investida na construção, apetrechamento, etc., de adegas cooperativas na área da J. N. V. deve andar à volta dos 200 milhares de contos, para os que participaram, nos termos superiormente determinados, o Fundo de Fomento de Exportação, J. N. V., Adegas Cooperativas e Junta de Colónização Interna.

Acabamos de expor o que tem sido o movimento cooperativo, relacionado com a produção do vinho. Através dos números de associados, das adegas criadas, da capacidade de produção e despedidos constantes de ampliação das instala-

ções já existentes e de criação de novas adegas, verificamos que, apesar das presentes conjunturas, existe um interesse crescente pelo movimento cooperativo.

No momento presente, e na área da J. N. V., existe já um número apreciável de adegas, sendo conveniente pensar-se em fundar a criação de uma Federação das várias cooperativas. Todas estas comunidades têm necessidade de serviços: «revisão e controle da sua contabilidade, administração provisória das sociedades em dificuldade, consultas jurídicas, documentação estatística, contacto e trocas de ideias entre militantes por meio de congressos, publicações diversas e edições de jornais, representação e defesa junto dos poderes públicos».

Não interessa somente produzir, interessa também vender, colocar directamente o vinho no mercado interno e externo, e não aguardar que as entidades competentes resolvam constante e eternamente os seus problemas.

Nesta ordem de ideias, há adegas, que já vendem directamente uma grande percentagem da sua produção, como: Chaves, Lafões, Portalegre, Lagoa, Arruda dos Vinhos e Borba, e Palmela (área do Moscatel de Setúbal). Porém, outras existem, que não vendem mais do que 5 o/o, situando-se a percentagem média, em todas as adegas, entre a produção e a compra dos

(Conclui na pág. 785)

O aprovisionamento artificial das abelhas

I — GENERALIDADES

Pelo eng. agrónomo VASCO CORREIA PAIXÃO
Director do Posto Central de Fomento Apícola

(Continuação do número 2551, pág. 708)

5 — Época outono-hibernal ou pré-hibernal

A alimentação que se fornece aos enxames neste período de transição, característico das zonas quentes sul-europeias, não faz igualmente parte do calendário sancionado pela apicultura tradicional; são as condições mesológicas locais que, em regra, permitem adiar para além da época outonicha habitual esta intervenção do apicultor, recolhendo e operculando ainda os insectos, não obstante, as provisões necessárias à sua subsistência antes de entrarem na modorra ou indolência determinadas não só pelo abaixamento termométrico próprio da quadra que se aproxima, como também pela escassez quase absoluta de flores onde eles possam trabalhar e abastecer-se devidamente.

a) — Oportunidade da sua efectivação

Algum tempo depois da supressão das alças é oportuno visitar de novo as colmeias para avaliar as reservas alimenticias existentes, completando-as com as quantidades indispensáveis para as necessidades normais do Inverno em progressão (Zappi-Recordati); nesta altura qualquer estimulação da postura já é descabida.

β) — Natureza da alimentação fornecida

Xarope espesso ou víveres pastosos.

X — RÉCIPES LÍQUIDOS

x) — Início e final do aprovisionamento

Procede-se à alimentação de socorro logo que se percebe que as provisões armazenadas não são suficientes para permitir a uma colónia qualquer atingir a próxima colheita (Barasc); deve ter-se presente, por outro lado, que é conveniente subministrar a alimentação depressa, quer dizer, quando as abelhas ainda estão em plena actividade e, portanto, tratando-se de xarope, em condições de o transformar por completo e de o colocar nos favos (Zappi-Recordati).

xx) — Duração do aprovisionamento

Curta; 48 horas.

xxx) — Quantidades diárias a administrar

Na opinião de Malagola esta nutrição deve ser feita com grandes alimentadores, levando dois a três quilogramas e mais

de provisões duma só vez, visto ser preciso efectuar a operação em duas voltas do sol, no máximo, a fim de tranquilizar depressa as colónias, não lhes introduzindo no ninho água que elas já não sejam capazes de evaporar e impedindo também a operculação do alimento fornecido.

XX — RÉCIPES PASTOSOS

x) — *Início e final do aprovisionamento*

Na mesma altura dos víveres no estado líquido.

xx) — *Duração do aprovisionamento*

A estritamente necessária para as abelhas passarem o alimento dado para os alvéolos dos favos.

xxx) — *Quantidades diárias a administrar*

Nunca mais duma fogaça ou concha de pasta, que só serão renovadas após total absorção.

6 — Época hibernar

Os aprovisionamentos, nesta quadra do ano, têm sempre um carácter de emergência, destinando-se a socorrer os enxames que uma inspecção mostrou encontrarem-se com insuficientes reservas; qualquer estimulação seria inoportuna e, portanto, maléfica.

a) — *Oportunidade da sua efectivação*

É determinada, como se disse, em inspecção directa, efectuada pelo apicultor, quando tenha razões para desconfiar da insuficiência das provisões arrecadadas nesta ou naquela colónia.

β) — *Natureza da alimentação fornecida*

Viveres pastosos ou sólidos, em regra; excepcionalmente no estado líquido.

X — RÉCIPES LÍQUIDOS

Embora infringindo as normas clássicas, Schofield aconselha alimentar as

abelhas, na perspectiva de morrerem de fome, com xarope espesso, em vez de lhes dar víveres sólidos ou pastosos.

x) — *Início e final do aprovisionamento*

Logo que se descubram colónias insuficientemente abastecidas ou periclitantes dá-se-lhes xarope num alimentador rápido, terminando a operação assim que elas tenham absorvido o indispensável para vencerem as dificuldades ocasionais verificadas pelo apicultor.

xx) — *Duração do aprovisionamento*

Muito curta.

xxx) — *Quantidades diárias a administrar*

A dose a fornecer deve limitar-se a suprir a carência observada, embora sempre seja melhor errar por generosidade do que perder um enxame por fome.

XX — RÉCIPES PASTOSOS OU SÓLIDOS

x) — *Início e final do aprovisionamento*

Na mesma altura dos víveres no estado líquido.

xx) — *Duração do aprovisionamento*

Sòmente a indispensável para se fazer a arrecadação do alimento confiado às abelhas nos alvéolos das respectivas colmeias.

xxx) — *Quantidades diárias a administrar*

Nunca mais duma fogaça, concha de pasta ou reбуçado com o diâmetro aproximado dum pires, doses estas apenas renováveis quando se verifique haverem sido insuficientes as anteriormente dadas.

7 — Possibilidades de redução dos aprovisionamentos artificiais

Robert Beldame faz, sobre esta matéria, uma tentativa de síntese comentada, que se resume assim:

1)—Há mais vantagem em dar quadros de mel em fins de Agosto que de alimentar na Primavera.

Com efeito, se a alimentação da Primavera estimula o desenvolvimento da criação, em contra-partida um grande número de carreteiras desaparece após saídas intempestivas provocadas por ela mesma.

2)—Se as provisões não puderem ser asseguradas com quadros de mel, dar uma alimentação complementar espessa, rápida, antes de 15 de Setembro, para que as abelhas possam opercular a tempo, antes de caírem na indolência.

A câmara de hibernação ficará assim bem envolvida pelas provisões, o que constitui um dos factores de prosperidade das colónias; apresenta a operação, todavia, o inconveniente de originar uma excitação inútil, um desperdício de energia das abelhas e uma perda de calor, que não pode aproveitar ao desenvolvimento da ninhada, visto esta se encontrar em forte regressão, além de se não visar a desenvolvê-la, mas somente a garantir o indispensável quantitativo de reservas.

3)—Não obstante, é preferível alimentar na Primavera do que dar cãndi no Inverno, o que excita inutilmente as abelhas.

O tratadista Root regista igualmente a tendência actual para simplificar as intervenções do apicultor neste campo, sem, contudo, se deixar de atender às necessidades vitais dos insectos, nas diversas quadras do ano, como é óbvio.

Exprime ele, nas seguintes frases, o que se pensa hoje na América a este respeito e, ao mesmo tempo, indica-nos a forma de dar efectivação prática, naquele país, à ideia dominante:

«Há alguns anos era uma prática geral alimentar artificialmente na Primavera, operação que se executava tão depressa quanto assentava o tempo quente.

Nos últimos anos, porém, tem-se orientado esta prática no sentido duma suficiente alimentação no Outono, Inverno e Primavera, até chegar o fluxo de néctar, subministrando às abelhas uma alça de provisões naturais, chamada câmara de alimentação».

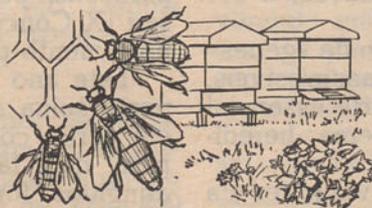
As sugestões apresentadas por estes paladinos duma evidente vantagem em simplificar, sem perda de eficiência, o número dos aprovisionamentos artificiais das colmeias, levam-nos, naturalmente, a concluir que:

a) Deve preocupar-nos, sobremaneira, o quantitativo de mel existente nas diferentes colónias a partir do momento da cresta e não apenas ao aproximar-se o Inverno.

b) Se os viveres encontrados, naquela altura, não bastarem à sobrevivência das abelhas até ao pleno desenvolvimento florístico da Primavera seguinte, convém reforçá-los logo, de preferência com quadros de reserva.

c) Todavia, sempre que se verifique um erro de cálculo ou uma alteração imprevista no tempo, nada justifica uma hesitação do apicultor em proceder a uma intervenção imediata com os alimentos adequados às circunstâncias.

d) O aprovisionamento estimulante, propriamente dito, deve ficar reservado apenas aos veteranos, quando as condições locais o justifiquem ou aconselhem, sujeitando-se naturalmente aos riscos inerentes à operação apresentados por todos os tratadistas da especialidade.



A Zootécnia e os Concursos Pecuários

Pelo DR. JOSÉ CARRILHO CHAVES
Médico Veterinário

UMA vez perguntamos a um pequeno lavrador, nosso cliente, se sabia o que era Zootécnia.

O sr. Manuel dos Santos, assim se chamava o nosso interpelado, fez uma cara de espanto e declarou-nos peremptoriamente que nunca tinha escutado tal palavra. No entanto, tanto o sr. Santos como a sua cara-metade, a boa da sr.^a Vitória «fazem Zootécnia», ele quando escolhe ou selecciona embora empiricamente, os melhores novilhos ou novilhas, ou ainda os bácoros, para criação, e ela quando «deita» as galinhas, com os ovos das melhores poedeiras, ou das galinhas mais bem conformadas para a produção de frangos, ou mesmo quando faz com que as galinhas choquem ovos de pata e criem os patinhos, tendo como objectivo melhorarem o seu efectivo.

Técnicamente a Zootécnia é a ciência que estuda a maneira de multiplicar, criar, desenvolver e aperfeiçoar os zoontes ou animais das espécies pecuárias.

Os Concursos Pecuários têm por finalidade fomentar a pecuária regional, o que quer dizer por outras palavras que aqueles não deverão ser apenas meras passagens de modelos de beleza. Assim como não se deverá consentir que vitelas filhas de boas vacas e de bons touros, terminados os certames sejam vendidos para os matadouros, não tendo por consequência dado a sua quota parte no fomento bovino.

Entende-se por «fenótipo» o tipo aparente dum indivíduo. É o que se observa à simples vista. É a conformação, a cor da pelagem, a raça, etc..

O «genótipo» é o conjunto de «genes» ou «factores hereditários» transmissíveis. É, por outras palavras, a parte essencial na transmissão dos caracteres hereditários.

Em resumo, pode um indivíduo ter um aspecto exterior dentro dos moldes mais estritos do padrão rácico, e não transmitir essas características à sua descendência.

Para melhor compreensão vamos dar um pequeno exemplo. Temos duas ovelhas merinas e um carneiro também merino. São todos de coloração branca. Sabemos que o carneiro é puro, isto é, na sua ascendência não se verificaram animais de cor malhada.

Façamos acasalar este carneiro com as duas ovelhas. Sabemos que uma delas é pura, pelos motivos já expostos. A outra não o é. Ao cabo do período gestativo a ovelha branca tem sempre crias brancas. A outra poderá dar crias brancas ou malhadas, embora aparentemente seja branca. Quer dizer que o seu «genótipo» não é puro para a raça em questão. Na sua ascendência houve cruzamentos com ovinos de cor preta. É o que se chama um indivíduo eterozigoto. Aos puros chamam-se indivíduos homozigotos.

A influência salutar dos concursos de pecuária, é criar pelo menos nas suas zonas de jurisdição, um escol rácico de cada espécie, isto é, ter domínio no fomento pecuário.

A região de Leiria é fértil e a sua riqueza pecuária é apreciável.

Dos 302 concelhos do continente e ilhas adjacentes, o concelho de Leiria ocupa o 33.º lugar.

A representação da Marinha Grande é muito mais modesta, mas no seu conjunto ocupam um lugar cimeiro na pecuária distrital.

O Grémio da Lavoura de Leiria e Marinha Grande, novamente está de parabens, pela primorosa realização do seu IX Concurso e pela sua acção perene no fomento pecuário da região.

Este ano devido à grave epizootia de peste suína africana, que está grassando em vários concelhos do Distrito de Leiria, para não falarmos noutros distritos já atingidos, foram proibidas as concentrações, feiras, mercados, exposições e concursos de animais da espécie receptível,

(Conclui na pág. n.º 778)

PRAGAS FLORESTAIS

A «Galerucela do Ulmeiro»

Por FRANCISCO DE AZEVEDO E SILVA
Eng. Silvicultor

O «ulmeiro», «negrilho», «lamegneiro» ou «mosqueiro» é uma das nossas árvores mais estimadas, não só pela madeira como pela sua folhagem tão utilizada para alimentação de gados.

Especialmente no Norte e até Maio, as folhas do «negrilho», nome porque ali é mais conhecido, constituem quase o principal alimento dos suínos.

Infelizmente esta árvore tão útil é atacada por diversas pragas e uma das mais comuns e mais disseminada é talvez a «galerucela». Parece por isso interessante dar alguns esclarecimentos sobre este insecto e os modos de o combater.

A «galerucela», cujo nome científico é *Galerucella luteola* Miill., pertence à ordem Coleoptera, (família Chrysomelidae) e, como todos os insectos desta ordem, sofre diversas transformações (metamorfoses), desde o seu nascimento até à morte. As diversas fases porque passa durante a sua vida são as seguintes:

Adulto ou insecto perfeito: de cor geralmente amarelo esverdeada, cabeça amarela, antenas filiformes, amareladas como as patas; mede 5 a 7 mm por 2,5 mm de largura. Aparece em Maio depois de ter passado o tempo mais frio — a partir de Setembro — em hibernação, abrigado no solo e até em casas pouco frequentadas, como celeiros, adegas, etc.. Depois do acasalamento, as fêmeas fazem a postura.

Postura: na página inferior da folha, ovos em forma de péra, amarelos, dispostos em fiadas paralelas em grupos de 5 a 25, podendo cada fêmea pôr de 300 a 400 ovos. A incubação dura 7 a 10 dias, ao fim dos quais nasce a larva.

Larva: amareladas, escurecendo com a idade, atingindo 8 a 10 mm, por 2,5 com tufos de pêlos pretos e quatro faixas longitudinais amarelas. Dura 15 a 20 dias durante os quais come o parênquima das folhas deixando só as nervuras principais. Dá-se depois a transformação em pupa.

Pupa: amarelas, quase do tamanho do adulto (5×2,4 mm), encurvadas para a parte ventral. Os olhos, élitros⁽¹⁾ e antenas vão escurecendo com a idade. Conservam-se neste estado cerca de 10 dias. Encontram-se nas rugosidades da casca ou à superfície do solo, debaixo dos detritos, etc..

Ciclo biológico: dependendo das condições meteorológicas, não se podem indicar datas exactas mas aproximadas:

- 1.a geração — Maio-Junho
- 2.a » — Junho-Julho
- 3.a » — Agosto-Setembro

Hibernação — de meados de Setembro a Maio do ano seguinte.

Distribuição geográfica: toda a Europa, África do Norte, Ásia Menor e América do Norte.

Prejuízos: é uma espécie monófaga, vivendo em todas as espécies de ulmeiros, de qualquer idade mas preferindo as espécies europeias. E' bem conhecida a aparência das árvores atacadas, com as folhas sem parênquima, que acabam por amarelecer e cair dando um aspecto deso-

(1) Chamam-se élitros às asas coriáceas que cobrem as inferiores, membranosas.

lador. E' só nos estados de larva e de adulto que a galerucela se alimenta.

Os ataques em anos consecutivos enfraquecem as árvores predispondo-as para serem invadidas pelos insectos secundários, como os escolitídeos, principais responsáveis da propagação da doença dos ulmeiros (*Graphium ulmi* Schwars., mais tarde classificada como *Ceratostomella ulmi* (Schw.) Buisman e finalmente como *Ophiostoma ulmi* Nannf.). Esta doença, conhecida na América pelo nome vulgar de «Dutch Elm Disease», produz a «Grafiose dos ulmeiros» que tem dizimado inúmeras árvores chegando a eliminar o ulmeiro de algumas regiões, por exemplo em toda a Castela, da vizinha Espanha.

Outro inconveniente que por vezes apresenta a «Galerucela» é o hábito que têm os adultos de hibernarem dentro das habitações próximas das árvores atacadas, especialmente nas caves e locais menos devassados.

Parasitas e depredadores: Nos anos húmidos costuma aparecer um fungo (*Beauveria*) que pode provocar grande mortandade nas pupas. Há diversos Hemípteros e Coleópteros, coccinelas e outros, que são depredadores dos diferentes estados da «Galerucela» e também alguns heminópteros e dípteros parasitas.

Tratamento: Pulverização com caldas insecticidas à base de D.D.T. a 0,25 o/o; por exemplo empregando um pó molhável com 50 o/o de D.D.T., usar-se-iam 500 gramas de pó para cada 100 litros de calda. Os tratamentos devem ser feitos de modo a apanhar o maior número de larvas. Desnecessário se torna acentuar a necessidade de aguardar um intervalo de duas semanas antes de dar a folhagem tratada ao gado.

Mais informações se poderiam dar sobre esta praga mas parece que se tocaram os pontos mais importantes, restando acentuar que, os tratamentos deverão sempre ser feitos de modo a coincidirem com o estado de larva, normalmente, em meados de Maio e de Julho e segunda quinzena de Agosto, mas que só a observação «in loco» poderá indicar mais exactamente as épocas próprias.

A Zootécnia e os Concursos Pecuários

(Conclusão da pág. n.º 776)

pelo que o Concurso de que nos ocupamos, apenas constou de gado bovino.

Foram presentes mais de 100 exemplares da raça Mirandesa, constituídos por touros, vacas e novilhas, dos quais 37 foram premiados.

Na classe de touros, foram apurados 5 exemplares. Na classe de vacas, como na de novilhas sem desfecho, ao primeiro desfecho e ao 2.º desfecho, foram apuradas 32 reses, ou sejam 8 prémios para cada classe.

Foram dispendidos em prémios pecuniários, onze mil trezentos e cinquenta escudos, o que representa um estímulo muito apreciável.

O lavrador que pretende levar os seus animais aos «prémios» começa a partir de determinada altura, a tratar melhor deles, para que se apresentem nédios e luzidios. Também aqui dentro de certos limites tem cabimento o velho aforismo popular — «Dá-me gordura, que eu te darei formosura».

Foi com muito prazer que aceitamos o honroso convite para assistirmos a este certame que tanto dignificou a Lavoura Regional.

Fazemos ardentes votos para que no próximo ano, o Concurso de Leiria, ainda seja melhor, se isso for possível, a bem da Lavoura e da Pecuária locais.

Sabemos que estas manifestações não têm apenas um âmbito circunscrito, digamos, ao epicentro, mas que estimulam outros concursos nas regiões vizinhas.

Por motivos que desconhecemos, este ano não se realizou o Concurso Pecuário da Região de Alcobaça, que em tempos, devido aos êxitos alcançados na pecuária da sua região, incentivou o Grémio da Lavoura de Leiria a proceder ao seu primeiro certame.

Já vão quase doze anos passados nestas andanças, mas os resultados que em questões de Zootécnia são mais ou menos lentos, na região de Leiria, há muito que estão à vista, devidos em grande parte à acção dos seus concursos pecuários.

A PONTAMENTO DE UMA VIAGEM

6—De Zadar a Split

Por MAXIMINO ALVAREZ
Eng. Silvicultor

(Continuação do n.º 2552, pág. 742)

Maio, 10. Saímos de Zadar, de manhã, em direcção ao interior, através de uma região de terrenos degradados, pedregosos, assentes sobre calcários e brechas do Cretácico superior, aproveitados pela cultura agrícola, a vinha e a oliveira. Vencidos cerca de 9 km, avista-se um povoamento de *Pinus pinea* e *P. halepensis*, de 150 ha, em parte instalado há meio século, com regeneração natural, rodeado por consideráveis extensões de matos e talhadas de *Quercus lanuginosa*, continuadas por terrenos planos onde, num ou noutro ponto, aparece a *Juniperus oxycedrus*. Prosseguindo e a 20 km de Zadar, próximo a Benje Dilgane, surge, a 150 m de altitude e com exposição sudoeste, o pomar de cerejeiras Maraska, da empresa de igual nome, que, em Zadar, fabrica o afamado licor «Maraskino». Paramos para o visitar.

Anteriormente ocupado por talhadia de *Quercus lanuginosa*, foi o terreno, que tem substrato carbonatado, arrancada aquela, sujeito a uma subsolagem de 50 cm, seguida de outra até 70 cm, destruição e queima dos restos da vegetação primitiva e passagem com grade de discos, após o que se abriram covas de $1 \times 1 \times 0,60$ m, espaçadas de 6 m, adicionando-se à terra extraída 1,5 kg de superfosfato e 0,6 kg de sal de potássio a 40 o/o e espalhando-se, ainda, segundo uma coroa cir-

cular, antes de encher a cova, 2 kg de superfosfato e 0,5 kg de sal de potássio a 40 o/o, o que equivaleu a ter-se enriquecido o solo com 20 mg de P_2O_5 e 50 mg de K_2O , por 100 gr de terra.

Quase completamente instalado em 1957, tem hoje este pomar 19,8 ha, dos quais 17, com 4640 árvores à base de *Prunus mahaleb*, constituem a superfície produtiva, sendo os restantes ocupados pelos arruamentos e quebra-ventos, estes formados por *Cupressus sempervirens* e *Populus deltoides*, protegendo-o do Bora. A temperatura média anual é de 14,5° C e a queda pluviométrica anual da ordem dos 1000 mm. Quanto à produção, que, em 1959 e 1960, fora de 400 e 9230 kg, respectivamente, atingiu 34 000 kg, em 1961.

E de novo a caminho, agora para Smilic, onde se encontram em curso trabalhos de melhoramento em «poljes», que, com outros, estão compreendidos na área de uma única empresa agronómica, fundada em 1956, que engloba a totalidade das planícies cársicas do distrito de Zadar.

Os trabalhos de melhoramento em uma delas, a de Smilic, com 100 ha, a 193 m de altitude, exposição sudoeste, temperatura média anual de 15,5° C, precipitação de 1000 mm e solo eluvial e alagadiço, foram iniciados, em 1960, por obras de hidráulica, seguidas de terrapla-

nagem. Logo que estejam concluídos, em fins do ano corrente, proceder-se-á à plantação de 80 ha de pessegueiros e pereiras.

Rolando estrada fora, para sul, sudeste e virando para sudoeste, rumo à costa, atravessa-se Biograd, centro turístico de 2100 habitantes, com praias e hotéis, cercado de pinhais artificiais, vinhas e olivais, e sede de uma importante empresa agronômica: a Vrana. Depois, a estrada desenvolve-se paralela ao litoral e passa pela região de Bucine — Crkvine, à cota de 30 m, com temperatura média anual de 12° C e pluviosidade anual de 900 mm, antes de 1948 coberta de plantas xerófitas arbustivas, sobre solo vermelho pedregoso, cársico, muito superficial, com rocha-mãe calcária, e cuja vegetação autóctone se compõe de *Ostrya carpinifolia* e de *Carpinus orientalis*, a que se juntam, entre outras espécies de folha persistente, a *Philrea latifolia* e a *Quercus ilex*, e no presente dispondo já de 100 ha com revestimento florestal, a que deverão suceder-se outros de *Pinus halepensis*, *P. pinea* e, também, de *Quercus lanuginosa*. Assim se beneficiará a região; não só sob o ponto de vista turístico, como económico, com a produção de matéria-prima para a indústria da celulose e com a extracção de gema. Por hectare, a quantidade de semente empregada tem andado à volta de 35 kg e o número de plantas ao redor de 4600, sendo a plantação feita em covas de 40 cm de profundidade.

Mais alguns quilómetros e estamos diante de Siebnik, onde o contraste entre

a cidade velha, repleta de reminiscências, e a cidade nova, virada para o futuro, não pode deixar de assinalar-se. Almoçamos aqui, e, antes de partir, proporcionam a toda a caravana um pequeno giro, orientado por amável guia.

Situada junto à foz do Krka e protegida por numerosas ilhas, a cidade de Siebnik, que é sede de um serviço de economia florestal, tem a sua parte antiga, que começou a desenvolver-se em princípios do século X, rodeada por uma muralha, no interior da qual se destacam a igreja de S. Joaquim, dos séculos XV e XVI, meia construída em estilo ogival veneziano e meia no renascimento primitivo, e a Câmara Municipal, também renascimento, danificada na Segunda Guerra Mundial, mas reparada imediatamente a seguir. Na parte moderna, com belas construções, são de mencionar as indústrias de eléctrodos, do alumínio, do ferro, de metais ligeiros e têxtil. Se já hoje notável centro de turismo, espera-se que Siebnik continue a progredir no futuro com a conclusão da auto-estrada do Adriático.

Caminhando para sul, deixamos Siebnik, direitos a Primosten, em cuja região se pode apreciar a vinha, com 2300-2500 cepas por hectare, a oliveira, a cerejeira, a amendoeira e a figueira, sobre terrenos degradados e superficiais com fendas profundas por entre as pedras, armados em terraços, de 10 a 100 m², e cobrindo centenas de hectares, desde o nível do mar até perto dos 400 m. A queda pluviométrica anual atinge 890 mm, dos quais cerca de 43% caem de Novembro a Fevereiro, e a temperatura média anual é de 15,4° C, sendo Julho o mês mais quente, com 25,3°, e Janeiro o mais frio, com 6,6°.

Ultrapassada Regosnica e a meio caminho de Split, nas proximidades de Trojir, em Vranjic, região de 960mm de pluviosidade anual e 16,3° C de temperatura média anual e praticamente ao nível do mar, passa-se por uma plantação de *Pinus halepensis*, instalada, no período 1952-1957, num terreno pedregoso, assente sobre rocha-mãe calcária com fendas, com uma zona degradada de *Quercus ilex*, da associação *Trifolieto-Brachypodium ramosi*. Duas a três plantas



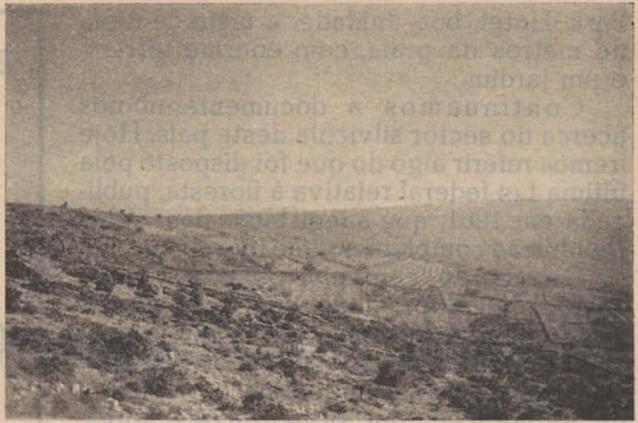
Siebnik — Parte moderna

foram empregadas em cada cova de mais de 40 cm de profundidade e agora tenciona-se criar, debaixo do coberto arbóreo, um sub-bosque de folhosas, o que, certamente, melhorará o povoamento sob o aspecto estético e o protegerá dos incêndios.

Trojir, a antiga colónia grega de Tragurium, erguida sobre uma pequena ilha, tornou-se eslava no século VII e atingiu o seu apogeu entre os séculos XIII e XV. Mas ainda é rica em monumentos, sendo o mais antigo a igreja de S.ta Bárbara (séc. XI), e o mais notável, especialmente pela sua porta, obra do escultor Radovan (séc. XIII), talvez a catedral, na construção da qual se misturam os estilos românico, gótico e renascença.

Já quase ao anoitecer, chegamos a Split, depois de, ao longo da estrada que nos trouxe de Trojir, havermos atravessado a região de Kastela, com as suas fortificações, fábricas de cimento e de matérias plásticas, praias, hotéis, a montanha de Kosjak, e, mais além, as ruínas da antiga Salone, então residência do governador romano da Dalmácia, destruída no século VII, hoje Solin, importante 200 anos a. C., e ainda com alguns monumentos romanos e outros.

Centro económico, cultural e termal da Dalmácia, Split, com 90 000 habitantes, é a principal cidade da costa adriática e uma das mais animadas do país, como verificamos, neste primeiro contacto, ao atravessarmos-a. Rica em monumentos da Antiguidade Clássica e da Idade Média, entre os quais se destaca o célebre Palácio de Diocleciano, um dos de maior nomeada na civilização romana, com as suas dezasseis torres, estendendo-se por 29 000 m² de superfície, e cujo mausoléu foi transformado em catedral em fins do século VII, possui, ela, também, vários museus e galerias de pintura e a de Mestrovic. Existem igualmente em Split muitas escolas secundárias e profissionais, como a Escola Florestal Secundária, Srednaja Sumarska Skola za Krs, diversas faculdades, o Instituto Oceanográfico e da Pesca, o Instituto para as Culturas Adriáticas, a Estação de Experimentação Florestal, a Câmara de Agricultura e Silvicultura e a Direcção de Economia Flo-



O Carso, com a vinha, a oliveira e outras culturas

restal, com uma secção de ordenamento. Por seu turno, o cimento, os plásticos, as tintas, a construção naval e o turismo destacam-se no sector industrial.

À chegada, visitamos a Escola Florestal Secundária, situada junto à colina de Marijan, onde nos servem um bebere.

Fundada em 1948, para formar regentes florestais especializados nos trabalhos da região, esta escola figura entre as seis congêneres existentes na Jugoslávia. Além das salas de aula e de educação física, da biblioteca, do internato e outras, muito bem equipadas, possui um pequeno «arboretum», com cerca de meio milhar de espécies, e um viveiro, para ensino prático. Este ano, a frequência é de 237 alunos. O curso, completamente gratuito, tem a duração de 4 anos, e as férias são aproveitadas para estágio.

A colina de Marijan, que, em 1882, começou a ser arborizada com fins recreativos, é quase toda ela constituída por calcário numulítico, em que assentam solos carbonatados de um cinzento amarelado e castanho, e faz parte da zona eumediterrânica jugoslava, caracterizada pela associação *Orneto-Quercetum ilicis*. Hoje, a *Pinus halepensis*, a *Cupressus sempervirens* var. *pyramidalis* e a *C. sempervirens* var. *horizontalis* cobrem, com a *Pinus pinaster*, a *P. pinea*, a *Cedrus deodara* e a *C. libani*, que ocorrem num ou noutro ponto, à volta de 178 ha da mesma.

Em Split, fica a caravana instalada no

Park Hotel, boa unidade, a meia centena de metros da praia, com enorme terraço e um jardim.

Continuamos a documentarmo-nos acerca do sector silvícola deste país. Hoje iremos referir algo do que foi disposto pela última Lei federal relativa à floresta, publicada em 1961, que a legislação das várias repúblicas completa no que lhes concerne.

De acordo com ela, as florestas do sector da propriedade social, divididas por regiões florestais, com base em considerações de ordem económica, fisiográfica e geográfica, são geridas, para efeitos de exploração, por organizações florestais, revestindo a forma de empresas, sob gestão dos concelhos operários e «comités» de gestão, exclusivamente compostos de operários e funcionários das mesmas, e segundo os princípios de autofinanciamento. Um serviço de fiscalização florestal, no quadro do órgão da administração florestal do Estado, existe ao nível federal, ao das repúblicas e das comunas. Também, a dita Lei salvaguarda o pleno direito da propriedade privada florestal, podendo os proprietários associar-se em secções florestais, no âmbito das cooperativas agrícolas de tipo geral, para venda da madeira, arborização e outras actividades inerentes às matas, como seja a construção de caminhos, assegurando-lhes elas, por intermédio dos competentes serviços, assistência técnica, e sendo-lhes facultado, outrossim, transferir, para efeitos de gestão, as suas florestas às organizações florestais, sem que tal implique qualquer alienação dos seus direitos, ficando a cargo dos serviços de fiscalização florestal respectivos a assistência técnica daquelas propriedades não geridas por cooperativas ou organizações florestais.

Uma taxa, cujo montante é fixado pela comuna, a incidir sobre as vendas de material lenhoso feitas pelos proprietários, reverte para um fundo destinado a financiar trabalhos de melhoramento na propriedade privada, enquanto as florestas do sector da propriedade social, incluídas em organizações débeis, beneficiam de subvenções para fins específicos. A propósito, atente-se abranger a floresta privada, em parte associada em cooperativas, 32% da área florestal do país.

(Continua)

MIRANTE

VINHOS VERDES

Pelo CONDE D'AURORA

G primário individualista minhoto (e o seu primarismo acompanha-o tanta vez ao final do curso universitário, e nisto de vinhos é que eles se conhecem!...), só pensa nos seus direitos e sempre esquece os seus deveres e obrigações.

Reclama, protesta, geme, refila, grita, barafusta—quando não vende bem o seu vinho e ainda quando tem de cumprir a mínima obrigação, o simples encher de um manifesto.

A Comissão de Viticultura exigia uma mínima contribuição ao produtor que vendesse o seu vinho ao público directamente e a retalho.

Era justo, tal pagamento.

A respectiva disposição legal era toda-via ambígua — e vá de se ir para os tribunais e aguardar-se que o Governo decretasse uma disposição mais clara.

O prejuízo dos viticultores no geral, foi enorme — a meia dúzia que negocia e não paga a taxa, ganhou monetariamente uma ridicularia.

Mas somos assim.

Aliás, são assim, os Outros, pois há quem o não seja, graças a Deus!

Assoberba-nos o problema angustioso do encharcamento do vinho americano.

A Comissão de Viticultura da R. V. V. que desde há anos fechava os tascos que o vendiam, viu-se este ano contrariada por certa Câmara Municipal que pretende, e acaso corretamente, interpretou a disposição legal, de modo que o encerramento seja praticado não pela C. V. R. V. V., mas pelo poder judicial após o julgamento e condenação do respectivo transgressor.

E temos a repetição do caso da venda ao público — e, enquanto ele não é esclarecido por outro que espero não tarde o decretar-se, vamos sofrendo os incalculáveis prejuízos do encharcamento do vinho americano.

Vinho e vinha proibida, não há a menor dúvida!

Mas às 400 000 pipas de vinho verde da região demarcada temos de somar pelo menos todo o americano, clandestino!

Pela brandura dos nossos costumes...

○ LEITE,

matéria prima da indústria dos lacticínios

Por

JOSÉ LUÍS PESSOA DA GRAÇA

DESDE que o homem domesticou os gados bovino, ovino e outros, aproveitou-lhe deles, enquanto vivos, o trabalho e o leite; quando os matava serviu-se da carne para sua alimentação, e dos ossos, cartilagens, gorduras, etc. para a confecção de armas, utensílios ou incorporação noutros fabricos. O que se processava há milhares de anos, ainda hoje é de procedimento igual.

No antigo Egipto, na clássica Grécia, na Roma Imperial e outros países de outrora, era ainda o leite aplicado em banhos, especialmente o leite de burra, que as beldades do tempo utilizavam bastante nos seus tratamentos de beleza. Actualmente são as gorduras animais e vegetais grandes componentes das especialidades farmacêuticas e em cremes para tratamentos da pele.

A primordial função do leite é a da alimentação, e tanto os humanos, como os irracionais deles se socorrem, nos princípios da sua vida para se desenvolverem e criarem, e mesmo, depois de adulto, o homem é ainda um grande consumidor de leite, quer ao natural, em pó ou condensado, quer transformado em manteiga ou queijo.

A indústria de lacticínios é para os países que a ela dedicam interesse, uma grande fonte de riqueza, e por motivo da sua exportação é também um grande veículo canalizador de divisas.

Existem vários países, tanto na Europa,

como nas Américas, que auferem fartos lucros com a indústria em questão, e a Holanda é dentre eles um dos que mais tem desenvolvido a produção de leite, manteiga e queijos, tanto para consumo interno, como para exportação.

Na publicação *L'Agriculture Aux Pays-Bas*, editada em 1963 pelo Ministério da Agricultura e da Pesca Holandês, colhemos os apontamentos, que a seguir apresentamos, cientes que, se outro mérito não tiverem, terão, pelo menos, a vantagem da divulgação que a alguém possa aproveitar.

A indústria de lacticínios é uma das mais importantes da Holanda, pois, quase um terço da totalidade da sua produção se destina ao mercado externo. Já antes que a transformação industrial do leite se tivesse generalizado, a manteiga e queijo holandeses eram conhecidos no mundo, desde o século XVI.

Há cerca de cem anos, em 1880, logo após o início da transformação industrial do leite em lacticínios, este ramo de indústria obteve uma considerável expansão graças ao estabelecimento de numerosas cooperativas leiteiras e de bastantes empresas particulares independentes.

Aproximadamente 85 a 90% da produção de leite, nos Países-Baixos, é canalizada para as fábricas transformadoras (cooperativas, (85%) e particulares).

Anda há roda das 1500 herdades, situadas na província da Holanda Meridional

nal e na parte ocidental da Província de Utrecht, onde os camponeses ainda fabricam hoje o chamado «Queijo de Herdade».

Organização da indústria de lacticínios

Desde a sua origem, as cooperativas leiteiras, espalhadas por várias províncias holandesas, fundaram associações para a defesa dos seus interesses, e actualmente existem oito das citadas associações. Por seu lado, estas formaram em 1900, uma Federação Nacional: a «Confederação Leiteira dos Países-Baixos», cuja sede se situa em Haia. A Confederação não se tem poupado a esforços na defesa dos interesses das associações e leitarias suas filiadas.

As empresas particulares fundaram igualmente uma organização nacional, que as agrupa numa «Associação para a Indústria Leiteira e Higiene do Leite», tendo a sua sede também na cidade de Haia.

As Cooperativas leiteiras fundaram igualmente sociedades cooperativas de comercialização dos produtos leiteiros, as quais são encarregues da defesa dos interesses comerciais das primeiras. Presentemente, são em número de oito as cooperativas de comercialização.

Produção leiteira, transformação e exportação de lacticínios

A produção leiteira nos Países Baixos gira à volta dos 7 milhões de toneladas, dos quais mais de 6 milhões tomam o caminho das leitarias e estabelecimentos de «standardização».

O consumo de leite, propriamente dito, atinge cerca de 2 milhões de toneladas anuais. O seu teor em matérias gordas está fixado em 3 0/0.

A produção de manteiga, que convém aqui considerar como uma produção acessória, anda pelas 100 000 ton., e destas 30 a 40 000, são exportadas.

No respeitante à produção de queijo, atinge ela cerca de 200 000 ton. anualmente. Quase metade desta quantidade é expedida para o estrangeiro.

E' de 4.º o lugar ocupado pela Holanda entre os países exportadores de manteiga, sendo apenas precedida pela Nova Ze-

lândia, Dinamarca e Austrália. Em compensação, os Países Baixos estão colocados à cabeça dos países exportadores de queijo. São igualmente os mais importantes exportadores de leite condensado, graças à sua cifra de produção anual de quase 400 000 ton.. A procura interna é crescente e atinge hoje 100 000 ton./ano.

A maior parte do leite em pó é igualmente exportada, cujo montante anda à roda das 50 000 ton./ano.

Os países importadores destes dois últimos produtos são numerosos, em especial os de climas tropical e sub-tropical.

Leite em pó

Data de 1948 a fiscalização da qualidade do leite em pó destinado à exportação, a qual é efectuada pela Repartição de Controle de Qualidade dos Produtos Leiteiros.

Este leite é apresentado em três qualidades diferentes: «Extra», «Standard» e «Segunda Escolha» (Deuxième Choix), mas somente das duas primeiras é que está autorizada a exportação. No entanto, cada uma destas qualidades é possuidora da sua marca especial de garantia

Leites condensados

A pureza e a composição destes leites são garantidas por um certificado passado pelo Centro de Controle dos Produtos Leiteiros (Controle Station voor Melkproducteur).

Uma marca de identificação onde se indica o local e a data de fabrico é aposta em etiquetas ou impressa nas caixas, e estas mesmas indicações são colocadas nas embalagens exteriores.

Nos fardos, caixotes, etc., é colocada uma etiqueta onde vai inscrita a natureza do produto (por exemplo — leite condensado açucarado) e o respectivo peso liquido.

Fabrico de manteiga e controle da sua qualidade

Diversas medidas legislativas foram postas em execução com o fim de garantirem a pureza da manteiga, evitando as falsificações. Centros de controle da man-

teiga foram montados e funcionam sob a fiscalização oficial do Serviço Governamental de Inspeção dos Produtos Leiteiros.

Por outro lado, foram criadas marcas oficiais que garantem a composição e a pureza do produto, cujo teor em matérias gordas está fixado em pelo menos, 80 o/o e a taxa de humidade não deve ultrapassar os 16 o/o.

A Repartição de Controle da Qualidade dos Produtos Leiteiros (Zuivel Kwailiteiscontrôle Bureau, abreviadamente «ZKB») fiscaliza também a qualidade da manteiga.

Todas as latas de manteiga destinadas à exportação levam estampadas a marca «Export Kwaliteit» (Qualidade de Exportação), bem como uma inicial e uma cifra, graças às quais a data de fabrico e o nome do fabricante são facilmente encontrados.

Queijos

A exemplo da manteiga, foram também estabelecidos para o queijo Centros de Controle designados «Centros de Controle dos Queijos», os quais funcionam, igualmente, sob a supervisão do já citado Serviço Governamental da Inspeção dos Produtos Leiteiros.

Também os queijos holandeses possuem marcas oficiais de controle, existindo actualmente nove marcas diferentes, as quais indicam as quatro categorias de teor em matéria gorda, que para o queijo são de 60, 48, 40 e 20 o/o.

O uso de marcas é exclusivamente reservado aos filiados nos Centros acima referidos e a sua aposição garante a pureza, composição e o teor em matérias gordas.

Segundo lei holandesa, nenhum queijo pode ser exportado se não estiver conforme as normas decretadas, o que é verificado pela Repartição de Controle de Qualidade dos Produtos Leiteiros.

Principais tipos de queijos neerlandeses

1. O "Gonda", queijo bastante gordo, cujo teor mínimo em matérias gordas está fixado em 48 o/o. Possui este queijo o for-

mato baixo, cilíndrico e de superfície periférica arqueada. Fabrica-se este queijo também num formato reduzido, com o peso máximo de 1100 gr e que é conhecido por queijo "Lunch".

2. O "Edam" possui um teor mínimo em matéria gorda de 40 o/o. É de formato de bola, mas também é fabricado em forma de "pão".

3. O "Queijo de Frison", "Queijo de Cominhos" ou o "Queijo de Leyden", são fabricados a partir de leite parcialmente cremado, em dois tipos, cujos teores mínimos em matéria gorda devem atingir os 40 e 20 o/o. Todos eles são de formato cilíndrico baixo.

4. O "Queijo de Creme" é feito a partir de leite, ao qual se juntou creme. É o seu teor mínimo em matéria gorda de 60 o/o. A sua forma é idêntica à dos três anteriores.

5. Existem ainda outras variedades de queijos, cujo fabrico é objecto de uma autorização especial e a sua composição obedece a fórmulas específicas. Em geral, o seu teor mínimo em mg é de 48 o/o.

As Cooperativas em Portugal

(Conclusão da pág. n.º 772)

vinhos pela J. N. V., em cerca de 62 o/o, aproximadamente.

A cooperação, como o seu nome indica, é um conjunto de boas vontades, é uma união de esforços, que tem por fim elevar o nível de vida dos cooperadores, onde o sucesso depende em larga escala do espírito cooperativo, que tem de se desenvolver ainda mais e de congregar todos os esforços, que tão dispersos andam.

Por meio de associação dos agricultores, por meio de uma cooperação estruturada em princípios de ordem psicológica, social e moral, imprimindo assim maior potência ao movimento cooperativo, julgamos ser o caminho mais curto para solucionar muitos casos, que atormentam a arte de agricultar a terra.

Através do Mundo — Breves apontamentos de Geografia Agrária Comparada

Por JOÃO DA COSTA MENDONÇA
Eng. Silvicultor

(Continuação do n.º 2551, pág. 695)

2 — A França — situada no centro da Europa ocidental, da qual, pela superfície, é o maior estado, a França, é também, pelo seu passado e pela sua situação económica, uma das poucas potências realmente importantes do mundo. Todavia a sua população é menos densa (82 habitantes contra 210, 220 e 160) e mesmo menos elevada (45 milhões de habitantes) em valor absoluto do que a da Alemanha ocidental, da Grã-Bretanha ou da Itália (51, 52 e 49 milhões de habitantes) e a sua produção industrial é inferior à das duas primeiras. Em contrapartida a produção agrícola e a proporção da população rural são superiores às das suas grandes vizinhas do nordeste e do noroeste. A gama das colheitas inclui as da bacia mediterrânea. Os relevos pertencem uns ao mundo alpino, os outros ao mundo harcínico (a que pertence também a Meseta Ibérica, muito mais antiga na imensidão dos tempos). É o país mais variado e o mais representativo da Europa.

Assim, antes de se analisar em conjunto o sector agrário francês, parece-nos lógico apreciar separadamente as principais regiões naturais:

a) A *bacia parisiense*. É a maior unidade geográfica da França, ocupando mais de um quarto da superfície do país. Enquadrada por relevos antigos (Ardenes,

Vosgos, Maciço Central e Maciço americano), eleva-se nas bordas e deprime-se ao centro. É constituída por terrenos sedimentares, progressivamente mais recentes à medida que se caminha para o centro. Mau grado a fraca altitude média (150 m) e os limites bem fixados, a sua estrutura geológica, a sua forma geral e a rede hidrológica, tornam-na irregular, nela se distinguindo diversas sub-unidades bem individualizadas.

O clima é doce e húmido, relativamente fresco. Os invernos são pouco soalheiros; a temperatura média de Janeiro é de 3,4º C em Paris. O estio é entrecortado de dias de calor e de dias pluviosos. Contudo, o total das precipitações é moderado, 550 a 650 mm, mas em média chove 2 dias em 5.

No centro da bacia, a chamada Ilha de França, sucedem-se vastos planaltos e largos vales. A *Beauce* é uma planície desabrigada e monótona, sem vales, nem regatos, assente sobre calcários duros, muito permeáveis. No *Soissonais*, os vales largos e profundos isolam os planaltos estreitos e ramificados. Todavia, as rochas estão cobertas por espessas camadas de areira ou limo fino transportado pelo vento, que às vezes atinge a espessura de alguns metros, e só afloram nas vertentes rápidas ou nas inumeráveis pedreiras onde se explora pedra para a construção civil. Precisamente no meio

da região o relevo torna-se mais variado, erguendo-se aqui e ali combros e morros, intercalados com pequenas depressões, percorridas por numerosas linhas de água, onde se misturam os bosques, os vergéis, os prados e as culturas arvenses.

Ao Soissonais, a nordeste de Paris, corresponde um perfeito tipo de paisagem de grande cultura. As vilas encon-

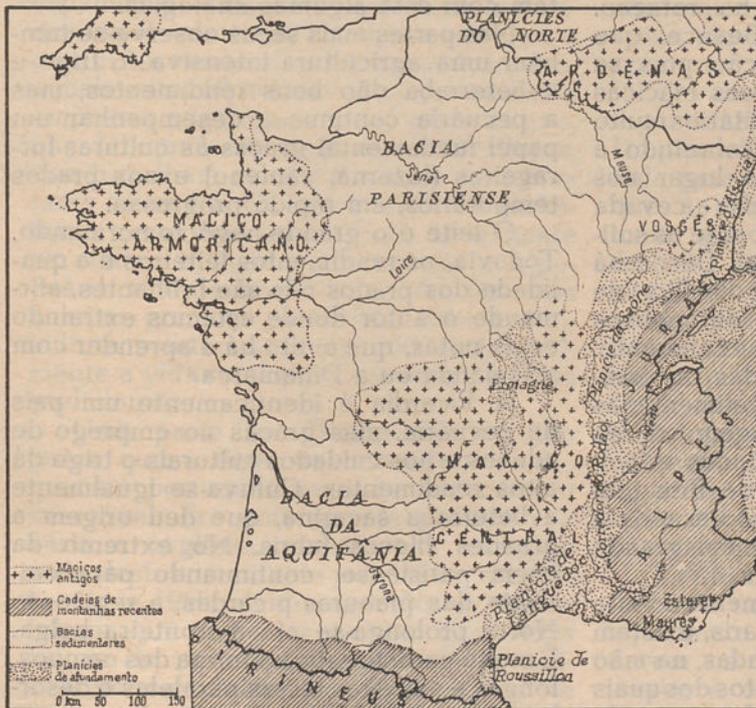
Junto das vias férreas e dos canais navegáveis, muito frequentes, abundam os grandes silos e enormes fábricas de açúcar de beterraba.

As herdades dos planaltos limosos são poderosas explorações nas mãos de ricos proprietários e de sociedades capitalistas e englobam terras possuídas em plena propriedade e terras alugadas a pro-

prietários que há muito tempo as não cultivam. Os administradores são ao mesmo tempo homens de negócio e agrónomos esclarecidos. Grandes capitais são necessários para a aquisição das máquinas, dos gados, das sementes, dos adubos, bem como para o pagamento dos salários do pessoal. Uma herdade de 400 hectares exige um capital de exploração de cerca de um milhão de novos francos (perto de 6000 contos), ou seja, em dinheiro português, quinze contos por hectare.

Como consequência da intensa mecanização a densidade humana nas zonas de grande cultura é baixa, 20 a 40 pessoas por km². O número de trabalhadores agrícolas diminui constantemente, à medida que se acentuam os progressos da mecanização. As herdades sem

gado ainda empregam menos. Assim, na Beauce, onde se chegou quase à monocultura do trigo, precisamente por esta exigir menos mão-de-obra, as grandes propriedades não têm mais de 5 a 10 assalariados e por vezes não há senão um só trabalhador por cada 50 hectares. Nos baluartes da beterraba açucareira, jornaleiros sasonais, bretões, belgas, italianos, espanhóis, completam os efectivos nos períodos de plantação e de colheitas. Camponeses pequenos proprietários ainda subsistem num ou noutro local; mas o seu isolamento social incita-os a abandonar a exploração e a alugar



TIPOS DE RELEVO

tram-se nos vales ou nas reentrâncias das pequenas elevações. Nos planaltos despidos de arvoredo, lobrigam-se, de longe em longe, grandes herdades. As folhas são muito vastas, inúmeras vezes têm algumas dezenas de hectares de superfície. Os edifícios rodeiam um pátio quadrado onde se empilha o estrume; compreendem a residência do administrador, os estábulos, a garagem dos tractores e dos camiões e a oficina das reparações mecânicas, uma leitaria, quando há vacas leiteiras, os celeiros, e as arrecadações para o inúmero material agrícola. Aqui e ali elevam-se as chaminés das destilarias.

os seus campos às grandes empresas, para quem muitas vezes passam a trabalhar.

As culturas fundamentais são o trigo, a beterraba açucareira e as forragens artificiais. O trigo vegeta maravilhosamente nos solos limosos, dando resultados da ordem dos 40 a 60 quintais por hectare, desde que seja generosamente fertilizado. Desde o princípio do século passado a beterraba precede o trigo na rotação. É ela, com excepção na Beauce, que constitui o fulcro da exploração, pois, se exige muitos cuidados e doses maciças dos adubos, dá rendimentos unitários muito bons. Os prados artificiais, sobretudo a luzerna, têm também grande lugar nos afolhamentos. A colza, a aveia, a cevada cultivam-se igualmente, consoante as solicitações do mercado nacional. Desde há algum tempo os planaltos da Ilha de França enchem-se no Verão de imensos milharais híbridos de aspecto exuberante.

As vacas leiteiras, mantidas no estábulo ou em cercados, são alimentadas com erva fresca, feno, silagem, raízes forrageiras, *tourteaux* importados e polpas de beterraba. O queijo de Brie tem uma reputação universal, mas em toda a bacia parisiense preparam-se em grande quantidade excelentes queijos.

Ao mesmo tempo, naturalmente à volta das cidades, e em especial Paris, existem hortas, vergéis, culturas forçadas, na mão de pequenos empresários, muitos dos quais são técnicos conhecedores. Nas zonas de combros e morros, persiste, igualmente a pequena propriedade, constituindo vivo contraste os campos exíguos onde se misturam as culturas e os planaltos onde se estabeleceram as grandes empresas.

A noroeste da Ilha de França situam-se a Normandia e a Picardia, banhadas pelo Mar da Mancha. Na Normandia ocidental, favorecida por um clima doce e chuvoso, os prados enchem todas as terras suficientemente húmidas. Muitos são consociados com macieiras, de que se prepara cidra e aguardente de cidra, cujo consumo segundo parece, às vezes se exagera; os terrenos são rodeados de sebes arborizadas, que dão origem a um tipo especial de paisagem denominada *bocage*, cuja tradução é difícil para portugueses.

Vistas ao longe, por um observador terrestre, em consequência do arvoredor que encerram as folhas, de reduzida extensão, parecem-nos um bosque. Vistas do ar, assemelham-se a sucessão de parcelas de formas mais ou menos rectangulares, separadas por renques arbóreos. Em Portugal, não são vulgares formações com esta fisionomia, no entanto, a paisagem característica do Planalto Mirandês tem com esta algumas analogias.

Nas partes mais secas observa-se também uma agricultura intensiva: o trigo e a beterraba dão bons rendimentos, mas a pecuária continua a desempenhar um papel fundamental graças às culturas forrageiras (luzerna, sanfeno) e aos prados temporários, em rápido progresso.

O leite é o grande negócio normando. Todavia, os rendimentos leiteiros e a qualidade dos prados não são brilhantes, afirmando o autor donde estamos extraindo estas notas, que muito há a aprender com a Holanda ou a Dinamarca.

A Picardia é identicamente um país de pecuária, mas graças ao emprego de adubos e aos cuidados culturais o trigo dá altos rendimentos. Cultiva-se igualmente a beterraba sacarina, que deu origem a grandes blocos fabris. No extremo da bacia parisiense, continuando para ocidente das planuras picardas, a região do Norte prolonga-se até à fronteira belga. É muito característica a forma dos campos, longas e estreitas faixas paralelas e desarborizadas, arrumadas à volta das povoações. Densamente habitada, cobre 2,5% do território francês agrupa 10% da população nacional. Mas ao contrário do que sucede nas regiões muito povoadas da Itália e da Espanha, aqui existe uma agricultura rica, acotovelando-se com uma indústria poderosíssima. A população aglomera-se em grandes vilas de casas de tijolo, numa paisagem onde as únicas árvores são as que marginam as estradas. Igualmente se cultiva o trigo e a beterraba e a pecuária leiteira tem grande desenvolvimento, mas existe igualmente uma antiquíssima e sábia policultura. Os rendimentos são elevados. O trigo dá 40 quilos por hectare, às vezes 50 ou 60 e em geral o que se cultiva — lúpulo, linho, tabaco, legumes, batatas, plantas forrageiras — dá altas produções e é objecto

de técnica cuidada. É curioso constatar que muitos agricultores trabalham igualmente na indústria.

A parte oriental da bacia parisiense correspondem várias províncias: a Champagne, a Lorena e a Baixa Borgonha. São regiões de planícies, de rampas e planaltos, onde se alternam vastas superfícies pedregosas e estreitos territórios privilegiados. Na Champagne produz-se o famoso espumante. Poderosas sociedades instaladas em Reims e em Epernay controlam a produção, vendendo para o mundo inteiro, anualmente, 50 milhões de garrafas. Estas empresas adquirem a maior parte da uva, que laboram, aos pequenos viticultores, que trabalham em geral menos de 2 hectares de vinha. Há cerca de 20 000 vinha-teiros numa área de 12 000 ha. Igualmente se cultiva o trigo e a beterraba e a pecuária tem importância. As florestas cobrem grandes extensões, mas a silvicultura mantém-se muito rotineira. Igualmente a vida rural guarda muitos aspectos tradicionais.

Uma parte da Champanhe era tão pobre que a denominaram «*Pouilleuse*», que em português se pode traduzir por miserável. Era uma grande planície calcária e argilosa, considerada a região mais desfavorecida do país. Bruscamente, cerca de 1950, alguns agricultores descobriram que os solos tinham qualidades físicas de primeira ordem, embora estivessem completamente desprovidos de húmus. Porém não constituíram problema para a técnica contemporânea, favorecida pelo relevo calmo. E assim, agora, nas terras outrora proclamadas as piores de França, colhem-se por hectare 30 a 40 quintais de óptimo trigo.

O Loire e os seus afluentes drenam o sudoeste da bacia parisiense. O vale cheio de beleza e poesia medieval encerrada em magníficas igrejas e castelos — quem alguma vez não ouviu falar de Chambord,

Chénonceaux, Amboise, Chinon, Blois — testemunhas de passado muito próspero, consequência da feracidade do meio, que não explica a relativa estagnação económica que actualmente se observa.

Nas margens do Loire o clima é moderado e doce, mas os solos são piores do que os da Ilha de França; há grandes tractos de areais estéreis, geralmente ocupados por florestas. Muitos terrenos são mal drenados, e só rendem alguma coisa devido a estarem revestidos de coníferas.

O vale, de natureza aluvional, é largo e por vezes ameaçado por grandes cheias. Do passado herdou uma agricultura orientada para a produção de qualidade. Diz-se que a competência dos camponeses é maior que as virtudes do solo. Os pomares são cultivados cuidadosamente nas pequenas parcelas de terra ligeira e arenosa, mas abundantemente estrumada. São notáveis as pereiras e inúmeros viveiros produzem roseiras e árvores frutíferas, vendidas em toda a França e para o estrangeiro. Uma especialidade é a obtenção de sementes de forragens, de legumes, de milho e de flores. Este vale merece bem a designação de jardim da França porque é conhecido.

Verifica-se assim desta rápida análise da bacia parisiense que a agricultura está aqui muito desenvolvida, devido a abundarem os bons solos, em geral planos. Assim é o celeiro da França e um dos celeiros da Europa. Acresce que o ordenamento cultural é muito acertado, havendo justo critério na selecção das culturas, lançando-se mão das mais ricas sempre que as condições o consentem. Por outro lado, os solos pobres estão cobertos de matas muito antigas, que impediram os efeitos perniciosos da erosão nas parcelas arenosas mais frágeis. São célebres as florestas de Fontainebleau, Montmorency, L'Isle Adam. — (Continua).

Recordações

Por ALMEIDA COQUET

PARA quem já tem às costas umas tantas dezenas de anos a calcurriar montes e valados à caça, e a percorrer as margens de rios e ribeiros em busca de trutas, não sabe nada mal recordar passagens desses tempos, que aos novos de agora podem interessar consoante o assunto.

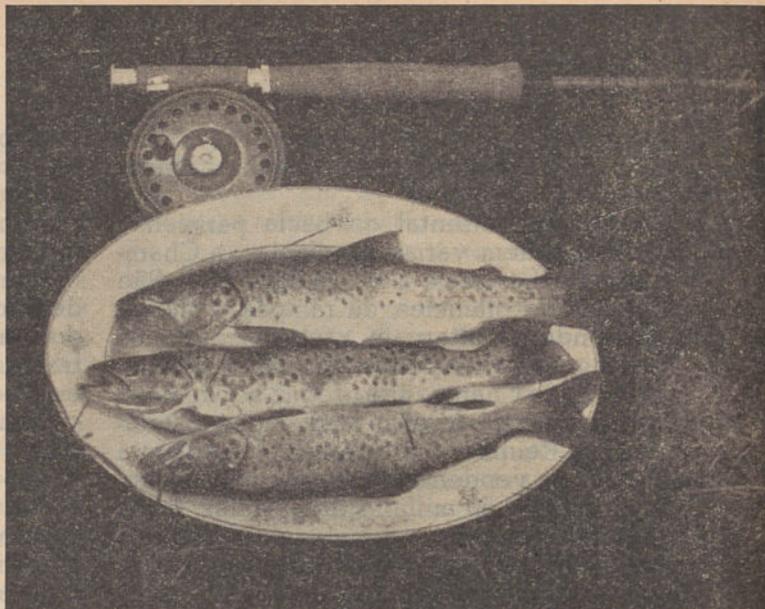
Por exemplo, a pesca das trutas há cerca de quarenta anos. Que apetrechos se usava, quais as iscas e os processos?

Na maior parte dos rios, tinham primazia as minhocas, os grilos e os saltões, consoante a época do ano. Só à medida que se atingia pontos mais elevados, nas serranias, iríamos encontrar o uso das "plumas", ou melhor, do "mosco" armado com penas de galo, guarnizé ou outras, em anzol grande e toscó. O serrano preferia este velho processo, herdado dos antepassados e com o qual a pesca tinha incontestavelmente um aspecto mais desportivo.

Aqui, em Espanha, na Escócia, ou noutros países onde houvesse trutas, já há muito se pescava com moscas, *moscos* ou *bichos* artificiais.

Nas minhas voltas por rios serranos, para os lados de Paredes de Coura e Peneda, no Alto Minho, ou em ribeiros nas vertentes do Marão, sempre encontrei pescadores locais armados de longa cana, com linhas feitas de crinas de cavalo, entrançadas, afuzelando até uma crina só, forte, na extremidade da qual lá estava o anzol de cerca de três centímetros, *enfeitado* com penas mais claras ou mais escuras, conforme o gosto ou a crença do pescador.

E nós, os pescadores de "pluma", com as canas franzinas e moscas tão peque-



ninas, lá íamos competindo com os locais — e porque não dizê-lo? — por vezes com vantagem para nós.

Recordo ainda uma manhã cedo no alto Coura. Quando cheguei ao ponto preferido, um poço fundo, seguido de correntes depois das quedas de um açúde, já lá estava um pescador local.

A cana de quatro metros ou mais nas duas mãos, cerca de seis metros de linha, volteando no ar, e lá ia por fim bem estendida até o "mosco" atingir a gola da corrente de saída do poço. Depois, levantava vagarosamente a cana, puxando para si a pluma.

Estava de costas para mim e eu, parado a uns 20 metros de distância, vi com prazer a perícia daquele meu colega, no lançamento e leveza com que punha a pluma na água, mais longe, mais perto, à direita, à esquerda, enfim com certeza e conhecimento.

Três ou quatro vezes, veio uma truta ao bicho, a que ele respondeu com o usual sacão brusco. Quer dizer, se a truta se cravasse, vinha pelo ar parar à rectaguarda do pescador; mas nenhuma ficou e num gesto de impaciência, virou embora encontrando-se comigo.

Bons dias, como vai a pescaria, vai mal, não pegam, etc., enfim o palavriado usual entre colegas da beira-rio, e lá foi. Ele descia o rio; eu, ia subi-lo.

Montei a minha aparelhagem de vagar, escolhi as minhas plumas, dando tempo a que as trutas sossegassem. E avancei

por fim até ao sítio donde o meu colega tinha tentado a sorte.

Passava-se isto em princípios de Março e as águas iam fortes. Usava eu duas plumas, uma *Greenwell's Glory* na extremidade, e num pequeno estrôpo cerca de três palmos acima, uma *March Brown*, ambas em anzóis n.º 11, isto é, com meia-polegada de comprido.

Calmamente fiz um primeiro lançamento, propositadamente curto, depois outro um metro adiante, e outro ainda a seguir. A resposta veio pronta, numa truta *palmeira* — como então se dizia das que orçavam pelos vinte centímetros, e que em breve meti no cabaz. Tinha sido a *March Brown* a mosca preferida. E dentro de mais uns minutos, saquei mais duas com a bitola do palmo na mesma pluma.

Ia-me a voltar, e que vejo? o meu colega de há pouco, na margem fronteira, sentado e saboreando uma cigarrada, via-me pescar, quase como eu tinha feito à chegada quando era ele o pescador.

E veio à fala outra vez, dizendo-me o espanto dele por eu ter tirado três trutas onde ele não tinha tirado uma sequer! E era um bom pescador, soube-o eu depois.

Pedi-me se eu lhes mostrava os meus "moscos", o que imediatamente fiz, tendo-lhe dado algumas das minhas plumas, e também a explicação do meu sucesso: a pequenez das minhas moscas que as trutas bocavam com menos desconfiança e susto.

Eram assim as relações entre pescadores — mesmo desconhecidos — daquele tempo, e algumas amizades contraí, quer à caça, quer na pesca.

Noutra ocasião, estive em Campêlo (Baião), com o meu inolvidável companheiro e grande amigo Frank Gordon, tendo sido recomendados a dois irmãos de Boscaras, grandes pescadores e caçadores. Iamos pescar no rio Ovil. Vinham também munidos das largas canas para pescar com o "mosco"; mas o tempo virou ao sudoeste e veio chuva rija todo o dia. Puzeram-se as plumas de parte, e tivemos que aceitar a solução (que pouco me agradava) de montar anzóis com minhocas...

Lá pelo peixe, valeu a pena, pois trouxemos das quatro canas, cerca de trinta e algumas trutas de bom tamanho, numa média de perto de meio arrátel cada.

Também convém dizer aqui alguma coisa sobre a fiscalização daquele rio. Como houvesse um posto da Guarda Republicana em Campêlo, e nos dissessem que era só a Guarda que fiscalizava dali até à ponte do Gôve, convidamos o sargento comandante do posto para jantar connosco.

Conversa, mais conversa, o sargento explicou-nos como era feita a fiscalização de dia e de noite: uma patrulha pela estrada que acompanha o rio, até à ponte, e regressava pelos montes sobranceiros ao rio; outra patrulha descia o rio pelos montes e regressava pela estrada, dando-se o encontro das duas patrulhas na ponte do Gôve.

O meu companheiro acompanhava a explicação com visível interesse, até que fez a pergunta:

— O senhor sargento é pescador?

— Eu, não senhor, nunca fui pescador nem caçador.

E perante o pasmo do meu companheiro, acrescentou:

— Fiscalizo o rio e os montes porque é meu dever, e eu cumpro as ordens que me dão...

— E a Guarda tem apanhado muitos furtivos? — perguntou ainda o meu companheiro.

— No princípio, quando para aqui vim, havia uns dois ou três que foram apanhados algumas vezes...

— E foram presos? Já cá não estão?

— Estão, sim senhor, mas não fazem já malandrices.

— ????

— Nas três primeiras vezes foram parar ao tribunal, mas o Juiz absolveu-os. E eles continuavam a dinamitar e a envenenar o rio. Ai ele é isso? Na vez seguinte fechei-os no posto e *conveni-os a não fazerem mais malandrices*... Ainda foram apanhados outra vez, *mas convenci-os melhor* e hoje deixam os peixes sossegados.

O meu companheiro ardia em curiosidade e não se conteve:

— E como é que o senhor sargento os convenceu?

— Ah! isso é remédio nosso... fora do

O "NOGUEIRAL"

Por CARLOS H. GOMES FERREIRA
Eng. Agrônomo e Silvicultor

«NOGUEIRAL», é um termo pouco corrente em português. Contudo, traduz o conjunto de nogueiras, mantidas em exploração para a produção de nozes ou destas e de madeira de nogueira. E se bem que não sejam muito vulgares os nogueirais em Portugal, isoladamente no nosso país a exploração destas árvores de fruto e madeira é vulgar e corrente de Norte a Sul indiscriminadamente. Mas na realidade mais isoladas ou salpicando os terrenos, do que formando conjuntos seguidos e plantados em compasso regular.

Os espanhóis, por exemplo, tratam dos nogueirais como se fora uma essência florestal (Embúm, J. X., 1962), contudo entre nós, segundo cremos, nunca essa questão foi levantada e parece-nos que o essencial será a Agronomia ou a Silvicultura, tratando indiferentemente da sua exploração e cultura.

As nogueiras de seu nome latino

«Juglans L.», pertencem à família das Juglandaceas, e segundo D. António Pereira Coutinho, na sua flora de Portugal, existem em Portugal a *Juglans nigra L.* e a *Juglans régia L.*

A primeira é uma árvore originária da América do Norte, pouco cultivada entre nós. A semente é pouco comestível, mas bastante rica em óleo, e a madeira e a casca são bastante escuras. É sem dúvida muito procurada a sua madeira e a sua exploração se não fosse de revolução muito longa era sem dúvida de enorme interesse económico.

A segunda ou seja a *Juglans régia L.*, é a nogueira mais conhecida no país. É originária da Europa austro-oriental, bem assim da Ásia até ao Japão.

É uma essência, espontânea no Sudeste da Europa e na Ásia Central, encontrando-se há séculos cultivada no Sul da Europa.

As *Juglans*, segundo alguns autores

regulamento. Umas correiasitas pelos lombos abaixo... e pronto!

Passou um ano e vários postos da G. N. R. foram suprimidos, entre esses o de Campêlo. Dentro de novo ano o rio Ovil estava quase sem trutas...

Bárbaro o processo seguido pelo sargento? sem dúvida, mas era consequência das absolvições no tribunal. O que contava eram as patrulhas.

Por hoje resta ainda recordar as pescarias com grilo e saltão. Tinham muito interesse. Hoje, pouca beleza há na amostra que se atira para o rio, e se recolhe à manivela. Claro que uns, melhor que outros, sabem o lugar onde convém fazer cair a amostra, e têm perícia no lançamento. Mas a maior parte, hoje em dia,

martelam os rios, afugentando as poucas trutas que ainda aparecem num ou noutra ponto. Contudo que o grilo ou o saltão, caindo na água naturalmente, era uma verdadeira tentação para as trutas grandes que de Abril em diante se aquietavam debaixo da folhagem das margens. E que lutas se travavam...

Tive, durante anos, um óptimo secretário de caça e pesca no Tamel. Para ele, o saltão e o grilo, eram as iscas preferidas; e vi-o sacar trutas bem grandes no Neival!

Era um grande amigo e já bastante velho foi-me visitar. À partida, disse a minha mulher que era a última vez que nos via; e foi assim mesmo. Dois meses depois lá foi a descansar no cemitério de Cossourado...

espanhóis, são originárias da Pérsia, mas segundo outros autores são-no da China ou Japão. Há muitos séculos que a sua cultura se localizou desde a Península Ibérica até à Suíça, e neste país encontra-se até como espécie florestal isolada, mas sub-espontânea.

No Libano, é citada como existente nas florestas alternando com o ulmeiro.

Na América do Norte, existem as seguintes noqueiras:

- Juglans régia L.
- » nigra L.
- » rupestris Eng.
- » mayor Heller
- » californica Wall
- » hindsii Sarg.

No Japão encontram-se as:

- Juglans sieboldiana Max.
- » cordiformis Mak

Na Manchúria aparece apenas a

- Juglans mandshurica Max.

Na Bolívia aparece a

- Juglans boliviana

E por último no Cáucaso encontra-se a

- Juglans pterocarpa.

O fruto destas árvores, a noz, é símbolo de casamento ou seja da união matrimonial, sendo fruto de Jupiter (Nux Jovis) o mais predilecto do Deus do Olimpo.

Em Portugal, como numa maneira geral em todos os países, a exploração dos noqueirais é uma cultura a que se tem dado pouca atenção, contudo muito procurados são os seus frutos em todo o mundo. Mesmo assim pode referir-se que a produção anual média de nozes é na Itália de 25 000 toneladas, em França de 20 000 toneladas e em Espanha entre 7 500 a 10 000 toneladas. Em Portugal a produção de nozes é numa maneira geral variável de ano para ano, mas ronda, contudo anualmente as produções colhidas das 283 576 noqueiras (1962) espalhadas pelos dezoito distritos do país, as quais segundo a estimativa de cálculo de produção, fornecida pelo Instituto Nacional de Estatística para o ano de 1963, foi de 2 580 toneladas de nozes.

Segundo o número de noqueiras, a

descrição destas árvores existentes nos diversos distritos portugueses, é segundo a Estatística Agrícola de 1962 a seguinte:

Lugar	Distrito	N.º de árvores em exploração
1.º	Braga	33 422 noqueiras
2.º	Viseu	26 697 »
3.º	Porto	26 661 »
4.º	Bragança	22 005 »
5.º	Coimbra	21 780 »
6.º	Guarda	19 595 »
7.º	Leiria	19 588 »
8.º	Viana do Castelo	18 043 »
9.º	Lisboa	16 441 »
10.º	Vila Real	14 248 »
11.º	Santarém	14 115 »
12.º	Aveiro	11 090 »
13.º	Évora	9 960 »
14.º	Portalegre	9 456 »
15.º	Beja	6 747 »
16.º	Faro	6 514 »
17.º	Castelo Branco	6 390 »
18.º	Setúbal	4 824 »
Total no País		283 576 noqueiras

A noqueira é uma árvore de grande longevidade e enorme copa, que atinge em pleno desenvolvimento 40 a 50 metros de envergadura. Dum modo geral nunca se devem manter as noqueiras em exploração mais de 100 a 120 anos, porque nestas idades já se encontram bastante atacadas de doenças, incluindo a cárie.

Geralmente não se lhes pode fazer cultura a coberto, em virtude da quantidade bastante grande de tanino que da sua copa escorre, arrastada pelas águas das chuvas. Além disso a sua sombra não é recomendada nem aconselhável para sestras ou sonos dos animais em virtude de provocar grandes dores de cabeça e intoxicações, devido ao forte cheiro que a sua densa folhagem mantém.

A noqueira é uma árvore que é limitada pelas geadas e neves, se bem que não goste também dos calores excessivos. Há autores que dizem ser uma planta que se pode expandir na área da vinha, não suportando contudo temperaturas inferiores a - 10 graus C.. As altitudes preferidas são os 400 a 800 metros com temperaturas médias de 15 a 20 graus. É pouco exigente em solos, preferindo contudo os solos calcários, mas vai bem desde que

os solos sejam profundos, permeáveis e soltos, em que a fertilidade seja mediana. O polvilhamento de nogueirais pelos dezóito distritos portugueses são prova das suas boas adaptações a todos os solos e climas.

A reprodução das nogueiras é feita no geral por sementeira em lugar definitivo, em covas abertas com 0,40 m³ de dimensões. Contudo podem fazer-se viveiros, mas a transplantação deve realizar-se do segundo para o terceiro ano, em virtude do sistema radicular não vir a ser muito afectado. As sementeiras podem realizar-se ou nos meses da Primavera (Março-Abril de preferência), ou então no Outono (sobre o mês de Novembro) para as regiões mais secas. Para se obterem árvores mais vigorosas desde o início, é preferível plantar as nogueiras vindas de viveiro, mas nos quais as sementes foram dispostas em regos distanciados de pelo menos 80 cm e com as sementes distanciadas de pelo menos 30 cm. Quando se procede à plantação as covas devem nessa altura ter uma dimensão de 0,80 a 1,0 m³. Por vezes para acelerar o crescimento e acertar a uniformidade da produção utiliza-se a enxertia, que pode ser de borbulha ou fenda terminal, no lugar definitivo ou no viveiro. A poda de formação das nogueiras deve assentar sobre três ou quatro pernadas principais e uma copa bem arejada e equilibrada. Devem ser realizadas bastante no início da vida das nogueiras, dado que as suas feridas são de difícil cicatização.

Os amanhos culturais dos nogueirais resumem-se a uma exterminação das ervas infestantes realizando-se um amanho superficial e pouco profundo uma ou duas vezes por ano. Para árvores em exploração, dum forma geral, uma lavoura superficial, esscarificação ou gradagem de discos, é suficiente, se for realizada antes, ou mesmo sobre as primeiras águas (Setembro).

Os produtos que se obtêm das nogueiras, são as nozes e a madeira, que como se sabe, dada a sua raridade e qualidade é de muito grande valor. Por essa razão se devem conduzir estas árvores de molde a terem fustes altos e vigorosos, para o que, como já se disse, há que usar de

infinita cautela com as podas, em especial as de rejuvenescimento.

Segundo vários autores, há diversas variedades de nozes dado que as classificam segundo as características da casca, forma do endocarpo e riqueza em óleo na amêndoa.

Zito (1962), indica em Espanha dois tipos de nozes, quanto à forma, as redondas e as ovais. Contudo diz haver as nozes redondas, ovais, de casca mole, a noz molar, a comum e de fruto de grandes dimensões.

Em França, são referidas por Lesourd, mais de trinta e cinco variedades de nozes, sendo tidas como as melhores as Grenoble, as Franquette, as Mayette e a Parisiana.

A produção de nozes é variável. Contudo dum maneira geral pode ver-se a colheita iniciada aos três para quatro anos após a enxertia estar feita. Sabe-se porém que as produções por árvore vão aumentando de ano para ano, dentro dos moldes seguintes:

Produção de nozes secas por árvore kgs	Idade da nogueira anos
5 kg	5 a 10 anos
5 a 10 kg	10 a 20 »
10 a 15 kg	20 a 30 »
15 a 20 kg	30 a 40 »
20 a 30 kg	50 »
60 a 70 kg	70 »
70 a 80 kg	80 »
80 a 100 kg	100 a 120 »

Em média, um hectolitro de nozes, secas ao sol, pesa 35 a 45 kgs, mas o rendimento em miolo de 100 kgs de noz em casca é de 15 a 20 kgs de miolo de noz, dos quais se consegue obter 8 a 10 kgs de óleo de nozes.

Medições realizadas em árvores com oitenta anos, indicam ocupar em média uma área de 120 metros quadrados em vegetação isolada, chegando a ter 34 centímetros de diâmetro por 8 metros de altura o que cubica um volume de 0,630 metros cúbicos de madeira e 1,80 metros cúbicos de copa para lenha, varolas e varetas.

Dado o fraco interesse que esta planta tem merecido por parte da sua cultura

(Conclui na pág n.º 797)

Serviço de

CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário—*Director da Estação de Avicultura Nacional*; Artur Benevides de Melo, Eng. Agrónomo—*Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Duilio Marques, Eng. Agrónomo—*Director da Estação Agrária do Porto*; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo—*Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Núncio Bravo, Eng. Agrónomo—*Director da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra*; Valdemar Cordeiro, Eng. Agrónomo—*da Estação Agrária do Porto*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo—*Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

I— AGRICULTURA

N.º 86 — Assinante n.º 41828 — Parede — Cascais.

MÁQUINAS PARA ROÇAR MATOS

PERGUNTA — Tenho diversos terrenos de monte, que até hoje sempre aproveitei para produção de matos, com vista a obter estrumes para as camas dos gados e cultura agrícola.

Com a falta de pessoal está a ser difícil proceder ao corte do mato e consequentemente as minhas terras estão a ficar mal tratadas por falta de estrumes.

Tenho ouvido falar em máquinas de roçar e já vi mesmo uma, mas receio comprar sem estar informado do seu verdadeiro interesse. Poderá a *Gazeta* fazer o favor de me elucidar sobre a sua utilidade, facilidade de manejo, melhor marca (no caso de haver mais do que uma) e rendimentos de trabalho?

RESPOSTA — O problema que o senhor consulente nos apresenta está de facto na ordem do dia, e muitos são os lavradores que sentem as mesmas dificuldades.

Existem na verdade máquinas próprias

para o roço dos matos — serras circulares — e que também dão óptimos resultados no corte de árvores de pequeno diâmetro.

O seu rendimento é apreciável, mas depende como é óbvio, não só do grau de preparação do operador, como ainda da natureza do material a cortar, sua densidade, terreno, etc..

Um bom operador pode com facilidade obter melhores rendimentos, da ordem dos 50% e até mesmo mais, em relação ao ancestral método de corte à enxada.

Além do mais baixo custo de produção, não será de desprezar a sua muito maior rapidez, o que hoje também tem de contar. São de fácil manobra e não se pode dizer que se tornem pesadas, até pelo modo como utilizadas — sustidas por suspensórios e manuseadas ao geito de gadanha.

Por muito rotativas exigem pessoal cuidadoso nos reapertos, lubrificações, etc..

Há diversas marcas no mercado, mas quanto à sua escolha deixámo-la ao critério do senhor consulente. — R.

II — SILVICULTURA

N.º 87 — Assinante n.º 42 493 — Póvoa de Varzim.

CONSERVAÇÃO DE LANDES

PERGUNTA — Possuo uns carvalhos muito bonitos e a que aqui dão o nome de «Americanos». Apanhei bastante semente que gostaria de semear na época própria e que segundo creio é no principio da Primavera. Pedia o favor de me indicar como devo fazer, pois no ano findo e a conselho dum amigo, guardei-as em areia, mas, não sei porquê, a maior parte apodreceu e as que escaparam grelaram e deram plantas que não pude aproveitar.

Não será de utilizar este processo?

Haverá melhor modo de proceder?

RESPOSTA — A estratificação é sem dúvida um modo seguido na conservação das landes ou das castanhas. Requer no entanto cuidados especiais e mesmo com estes dá por vezes origem a bastantes prejuizos.

Areia bem seca é uma das condições fundamentais. Arejamento e camadas não muito espessas são outros requisitos a ter em conta.

Para o fim que o senhor consulente pretende julgamos preferível fazer a sementeira logo após a colheita das sementes. Neste caso aconselhamos utilizar uma profundidade de sementeira um pouco maior, e, tanto mais, quanto mais sujeita a geadas estiver a sua região.

Em zonas de fortes geadas, 3 a 4 vezes o maior diâmetro das landes deverá ser a espessura a dar à camada de terra que as cobre.

Se necessário, na altura da rebentação, proceder a um ligeiro pique do terreno, com vista a partir a crosta formada no Inverno. Exige esta operação com o maior cuidado, de modo a não partir ou molestar os rebentos. Este é um dos melhores processos que conhecemos, só sendo de

VINHOS — AZEITES — Executam-se todas as análises de vinhos e seus derivados, azéites, banhas, manteigas e todos os produtos de alimentação. Venda de todo o material de análises e reagentes. Cursos de aprendizagem de análises e tratamento de vinhos. Análises de recurso e peritagens em Laboratórios Officiais, por técnico diplomado. Dirigir ao Estabelecimento VINO-VITO, R. Cais de Santarém, 10-1.º dirt.º — LISBOA — Telefone P. B. X. 27130.

temer o ataque dos roedores, em especial o dos ratos.

Um outro processo, também de aconselhar, será o de dispor as landes em camadas muito pouco espessas, sob o carvalhal, mas de maneira que não fiquem sujeitas a grandes ventos ou submersas pelas águas das chuvas.

Também há quem use guardá-las em valas abertas no próprio carvalhal. Ainda neste caso as camadas de landes não podem ter grande espessura e o enfiamento das valas deve ser contrário aos ventos dominantes. — R.

XVI — AVICULTURA

N.º 88 — Assinante n.º 29 756 — Foz Tua.

GALINHAS COM LOMBRIGAS

PERGUNTA — Adquiri há cerca de dois meses e meio certa quantidade de pintos do dia, num aviário de Mortágua, de raça de engorda, que de facto deram óptimo resultado, visto que ao cabo de 60 dias atingiam mais de um quilo de carne limpa, pelo que se principiaram a utilizar na alimentação caseira, único motivo por que adquiri aquelas aves, dada a dificuldade do abastecimento de carnes.

Sucede, porém, que algumas aves ao serem limpas para cozinhar, apresentam interiormente, à volta dos intestinos, e demais visceras, diversos vermes, como uma espécie de lombrigas compridas e filiformes, sem que tais vermes atravessem a carne.

Como não sei a que atribuir tal anomalia, pois duma maneira geral as aves apresentam bom aspecto e mantêm-se gordas e boas para o abate, recorro à autorizada opinião de V. para este facto, pois não sei se, assim, poderão ser utilizadas para a alimentação humana.

As aves têm sido criadas à base de produtos próprios e indicados «Produtos Vouga», intercalados após a idade de 15 dias, com alimpas de cereal, couves e frutas ou tubérculos amassados com farelo.

A limpeza do galinheiro é feita periodicamente e desinfectados os poleiros e recinto com água e criolina a 5 o/o, o solo do recinto é térreo.

Muito grato fico a V. por uma resposta breve sobre este caso e possível medicação apropriada.

RESPOSTA — Os frangos devem estar infestados de ascarídeas (lombrigas) certamente devido às condições do seu alojamento.

Os pavimentos térreos, de difícil este-

rilização, um bom meio de propagação de parasitas intestinais e doutros agentes mórbidos que neles se albergam, sendo esta uma das principais razões porque se condena o acesso das aves a terrenos exteriores, anexos aos galinheiros. Aquelas devem ser mantidas dentro de casas com pavimentos laváveis (cimento, tijolo, etc.) recobertos de «camas» suficientemente espessas, de palha, aparas de madeira, casca de arroz ou doutro qualquer material apropriado para o efeito, e mantidas em bom estado higiénico.

Como tratamento, administrar um dos vermífugos existentes no mercado, tendo por base a piperazina ou a fenotiazina, como seja por exemplo, «Wormal» fornecido pela firma Mundinter ou «Safer-san» de Gimenez-Salinas & C.^a, seguindo as instruções do fornecedor.

Retirar as «camas» após 2 dias do tratamento; lavar e desinfecar em seguida o pavimento do galinheiro e todos os utensílios e colocar novas «camas». Se for necessário, repetir o tratamento passados 10-15 dias.

As aves que se apresentem saudáveis e em bom estado de carnes podem ser utilizadas para consumo humano. — *Sérgio Pessoa.*

N.º 89 — Assinante n.º 42 285 — Carregal do Sal.

VACINAÇÃO DE FAISÕES

PERGUNTA — Comprei um casal de faisões, mas como grassa por aqui a peste aviária, desejava saber se os devo vacinar.

Onde poderei adquirir a vacina?

Devo deitar nos bebedouros «Zap» ou «Aviose»?

Muito grato fico por uma resposta muito urgente.

RESPOSTA — Os faisões são sensivelmente tão receptivos à Doença de Newcastle (pseudo-peste aviária) como as galinhas e os perús. Os patos, os gansos e os pombos, são mais resistentes, embora já se tenham registado nestas espécies algumas infecções leves.

Portanto, deverá proceder, o mais brevemente possível, à sua vacinação, utilizando quaisquer das vacinas existentes

no mercado, designadamente as fornecidas pelas seguintes firmas:

Mundinter — Av. António Augusto de Aguiar, 138 — Lisboa — (Porto).

Pfizer Portuguesa, Lda. — R. Rodrigo da Fonseca, 139 — Lisboa.

Laboratório Sorológico — Av. Casal Ribeiro, 34 — Lisboa.

Laboratório Imunológico de Lisboa — R. Elias Garcia, 43 — Venda Nova.

Laboratório Nacional de Investigação Veterinária — Estrada de Benfica, 701 — Lisboa.

Aconselho, porém, utilizar os serviços dum médico-veterinário, que lhe indicará a vacina a aplicar, e como fazê-lo.

Desde que a água seja potável, não há necessidade de lhe juntar qualquer droga, salvo como medida terapêutica. — *Sérgio Pessoa.*

O « NOGUEIRAL »

(Conclusão da pág. 794)

em nogueiral e atendendo que têm alto valor não só os seus frutos (nozes), como a madeira (para marcenaria, etc.) e o aproveitamento em farmácia das suas folhas e drupa ou casca verde, julgamos de bastante interesse salientar ainda que há longos anos a cultura florestal da nogueira foi introduzida na Alemanha, Itália, Hungria e Roménia com pleno êxito o que se pode medir pelos desenvolvimentos que a seguir se transcrevem:

D. A. P. cm	Altura do fuste m	Idade anos
25	12	30
40	15	50 — 60
55	20	70 — 100

ainda que no arvoredo com desenvolvimentos da ordem que se acaba de referir as produções de nozes de qualidade e quantidade sejam bastante apreciáveis. Deve porém referir-se que os frutos obtidos destes arvoredos, não sabemos se por variedade ou por outra razão desconhecida costumam ser de tamanho mediano.



INFORMAÇÕES

Sobre o

aumento do auxílio financeiro, previsto na lei dos melhoramentos agrícolas

Decreto-Lei n.º 46 523

A lei de melhoramentos agrícolas, estabelecendo a concessão de créditos hipotecários, não abrangia numerosos casos em que se tornava necessário o auxílio financeiro, porque os agricultores interessados ou não possuíam quaisquer prédios rústicos — caso dos rendeiros — ou não tinham as suas propriedades devidamente registadas nas diferentes conservatórias de registo predial — caso de numerosos pequenos agricultores do Norte e Centro do País.

Por isso, e a exemplo do que se passa noutros países, em que se recorre largamente ao crédito pessoal, o Decreto-Lei n.º 43 355, de 24 de Novembro de 1960, que alterou e completou em muitos aspectos o campo de aplicação da lei de melhoramentos agrícolas, veio permitir que os empréstimos até 20 contos pudessem ser concedidos sem garantia real, mas com a fiança de dois agricultores idóneos, tendo posteriormente o Decreto-Lei n.º 45 401, de 2 de Dezembro de 1963, ampliado aquele limite para 50 contos.

A experiência demonstrou, porém, que este limite, ditado pela prudência, não é ainda suficiente, em certos casos, para que se atinjam as finalidades previstas com a concessão de crédito pessoal, parecendo conveniente, e ainda dentro de um critério de prudência, a respectiva elevação para 60 contos.

Quando a fiança seja bancária e os empréstimos sejam amortizados a curto e médio prazo — até dez anos —, julga-se não haver, sequer, necessidade ou vantagem na existência de limite, acautelados como ficam os interesses do Estado.

Com estas medidas facultar-se à lavoura uma maior facilidade no recurso ao crédito e abre-se mais um caminho para o fomento agro-pecuário, em que o Governo se encontra empenhado.

Nestes termos:

Usando da faculdade conferida pela 1.ª parte do n.º 2.º do artigo 109.º da Constituição, o

Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º O limite de 50 contos, estabelecido no artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 45 401, de 2 de Dezembro de 1963, passa a ser de 60 contos.

Art. 2.º A garantia dos empréstimos concedidos ao abrigo da legislação de melhoramentos e cujo prazo de amortização não seja superior a dez anos pode também consistir em fiança bancária, sem o limite fixado no artigo anterior, e respondendo o banco solidariamente com o mutuário pela amortização nas condições do contrato.

Boletim Meteorológico para a Agricultura

fornecido pelo

Serviço Meteorológico Nacional

Influência do tempo nas culturas

2.ª década (11-20) de Setembro de 1965

Prosseguem as vindimas em todo o país: muitas vinhas apresentam-se com cachos secos ou murchos, devido à seca, mas nas terras mais fundas e frescas a produção é regular.

Continua a colheita dos milhos de regadio e também de alguns de sequeiro, muito afectados pela seca. Começou a ceifa dos arrozais.

Começaram os preparativos para as próximas sementeiras.

3.ª década (21-30) de Setembro de 1965

A chuva que caiu durante a década favoreceu as culturas, principalmente arbóreas e arbustivas, e criou boas condições às terras para serem trabalhadas.

Os pomares e os olivais estão com bom aspecto e a azeitona está a engrossar. Milharais, lameiros, hortas e nabais estão satisfatórios nas regiões do Norte, onde os prados também estão a reverdecer.

Fizeram-se ceifas de arroz, colheitas de milho, tomate e frutas, preparação das terras para as sementeiras de Outono, etc.



FÁBRICAS DO BARREIRO

Prefira Insecticidas C. U. F.

Garantia de boas colheitas

VISENE — pó molhável contendo 50% de SEVIN

AZINFOR — líquido contendo 44% de AZINFOS-ETILO

— Ambos de comprovada eficácia no combate ao «Escaravelho da Batateira» e «Bichado» das Peras e Maças.

— O **VISENE** e o **AZINFOR** são compatíveis com o MILDOR, ASPOR e TIEZENE pelo que se podem **combater simultaneamente** o «escaravelho» e «mildio» nos batatais e o «bichado» e «pedrado» nas pereiras e macieiras.



COMPANHIA UNIÃO FABRIL

LISBOA — Avenida Infante Santo, 2
PORTO — Rua do Bolhão, 192

Depósitos e Revendedores em todo o País

3456

Viveiros da Quinta do Tamariz

Os maiores viveiros do Norte do País, com a maior selecção de barbados americanos e árvores de fruto. Plantas talhadas; coníferas; arvoredos; arbustos para jardins; plantas para sebes; roseiras; trepadeiras; etc., etc.

Serviços de assistência técnica. — Instalação de pomares. — Ordenação de propriedades e surribas.

No seu próprio interesse visite os n/ viveiros.

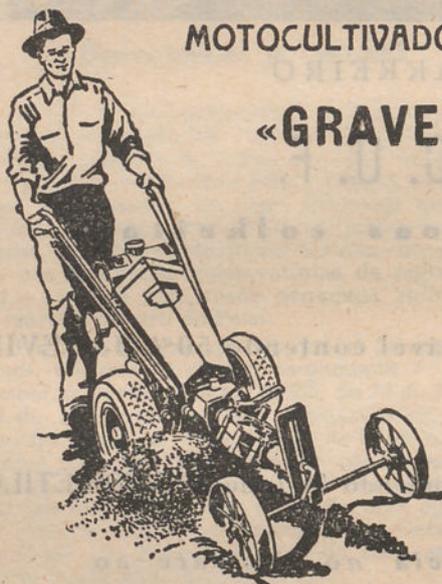
PEÇA CATÁLOGOS GRÁTIS

3684

Sociedade Agrícola da Quinta do Tamariz, Lda.

Carreira — Silveiros (Minho)

Telef. 96271 — NINE



MOTOCULTIVADORES

«GRAVELY»

Um só motocultivador * 30 alaias agrícolas

*Lavra—Sacha—Grada—Semeia—
Transporta—Cava e descava
vinhas—Pulveriza vinhas, batatais
e árvores—Serra—Rega—Ceifa—
etc., etc.*

ADQUIRA um motocultivador
ESCOLHA as alaias que precisa

Representantes exclusivos:

INIMEX

— Internacional Importadora e Exportadora, Lda. —

Rua Dr. Alberto Pinheiro Torres, 13-5.º Sala 3
Telef. 33379 — PORTO

Tonéis em CIMENTO

(MÓVEIS)

De uma a doze pipas



Armadura em aço inox
Resistem aos abalos de terra

Indicamos centenas de clientes
que já os usam e Adegas Cooperativas
PEÇAM CATÁLOGOS

4027

MODELO REGISTRADO

para **Vinhos e Aguardentes**

Se é bom administrador adquira já estes tonéis em cimento e ponha de parte a vasilha de madeira.

Garantimos vinho 75 % melhor — Já vão tratados e prontos a envasilhar vinho e aguardente — Não ha atestos e bolores.

Acabe com a preocupação dos arcos e aduelas

Envasilhar vinho nestes tonéis é a mesma coisa que engarrafá lo

Tomamos a responsabilidade do que afirmamos

Invenção e fabrico de

A Industrial do Barreiro

Telefone, 115 — Vila Nova de Famalicão

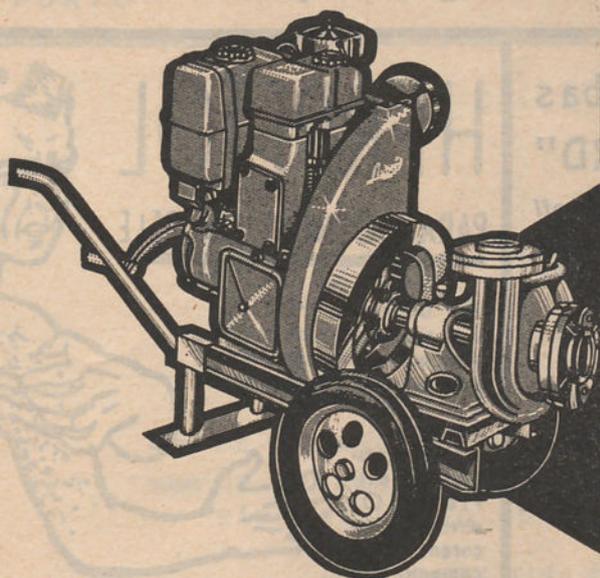
Lister

**GRUPOS
MOTO • BOMBA
DIESEL**

**MOTORES
ARREFECIDOS
POR AR E POR
ÁGUA DESDE
3,5 H. P.**

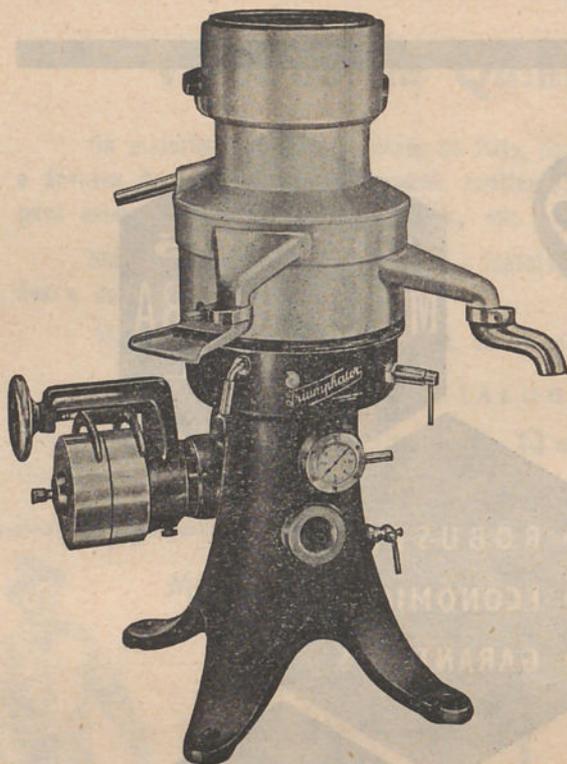
- ROBUSTOS
- ECONÓMICOS
- GARANTIDOS

**ASSISTÊNCIA
TÉCNICA
PERMANENTE
•
ENTREGAS
IMEDIATAS**



Pinto & Cruz, Limitada

60, Rua Alexandre Braga, 64 - Telf. 26001 (P.P.C.) Teleg. TUBOS-Porto



TRIOMPHE

SEPARADORA-CLARIFICADORA PARA
AZEITE E CALDAS OLEAGINOSAS

MÁQUINA SUÍÇA DE PRECISÃO

Modelos com motor eléctrico e transmissão

O mais aperfeiçoado, simplificado e moderno dos
diversos tipos existentes

Recomendada para lagares de azeite

4113

DIVULGADA POR TODO O PAÍS

Importadores exclusivos:

Av. Almirante Reis, 80-B a 80-E

Telef. 52360 — LISBOA - 1

Sociedade Industrial Agro-Reparadora, L.da

Grupos Moto-Bombas e Motores "BERNARD"

a Petróleo e a Gasoil

Tubos chupadores, Junções,
Válvulas de pesca, etc.

Corta-Relvas manuais e a motor,
Charruas, Semeadores, Sachadores,
Tararas, Descaroladores e Sementes

Tractores "OCRIM" e
"INTERNATIONAL"

PEDIDOS AO:

Centro Agrícola e Industrial, Lda.

307, Rua de Santa Catarina, 309
Telef. 25865/6 PORTO Teleg. AGROS

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOIA DE HERPETOL
e o seu desejo de coçar
passou. A comichão des-
parece como por encanto.
A irritação é
dominada, e
pele é refres-
cada e ali-
viada. Os
alvismos come-
çaram. Medi-
camento por
excelência

para todos os casos de eczema húmido ou seco,
crostes, espinhas, erupções ou ardência na pele.

A venda em todas as farmácias e drogarias

**VICENTE RIBEIRO & CARVALHO
DA FONSECA, LIMITADA**

RUA DA PRATA 237 - LISBOA





*Filtros * Bombas * Rolhadores * Máquinas de gaseificar * Máquinas de encher * Saturadoras * Mangueiras de borracha e de plástico, etc., etc.*

Ácido Cítrico * Ácido Tartárico * Ácido Ascórbico * Sorbato de Potássio * Metatartárico * Carvão «Actibon» * Taninos «Dyewood» (os melhores à venda em Portugal) * Anidrido Sulfuroso * Metabisulfito de Potássio * Solução Sulfurosa * Gelatina Spar * Bentonite «Vol-klay» * Fosfato de Amónio * Barro Espanhol * Caseína * Albumina de Sangue * Calgonit (o melhor desinfetante e descolorante de vasilhas) * Permanganato de Potássio * Carbonato de Sódio * Actisolar * Emboçol * Bono-Suif (Mastic francês) * Mechas de Enxofre * Glutofix (cola para rótulo) * Goma Laca * Goma Arábica * Parafinas

Ebuliómetros * Acidímetros * Areómetros * Glucómetros * Mostímetros * Alcoómetros * Termómetros * Vinómetros * Buretas * Provetas * Balões * Copos * Reagentes, etc., etc.

Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

Telefs. 28093
35173

3876

MOTORES INDUSTRIAIS

GRUPOS ELECTROGÉNEOS
A GASOLINA, PETRÓLEO OU DIESEL

- DE CORRENTE CONTÍNUA, PARA CARGA DE BATERIAS
- DE CORRENTE ALTERNA, PARA ILUMINAÇÃO, RÁDIO-TELEVISÃO OU PARA ELECTRO-BOMBAS

DIVISÃO MARÍTIMA E TÉCNICA
C. SANTOS, S. A. R. L.
TRAVESSA DA GLÓRIA, 17 - LISBOA

4138

VINDIMAS

Snrs. Vinicultores:

tenho para entrega imediata e aos melhores preços do mercado:

vasilhas), Leveduras Seleccionadas, Mastic Francês, Mechas de Enxofre em pastilhas, Metabissulfito de Potássio em cristais, pó e pastilhas, Parafina Refinada, Permanganato de Potássio, Sêbo de empostigar, Solução de Anidrido Sulfuroso a 6%, Trosilina Bayer, **ENOTANINO APPERT**, o Tanino mais puro existente no mercado, Tanino puro pelo álcool, etc., etc., bem assim: Aparelhos de Laboratório **DUJARDIN-SALERON E HEBEL** (Glucómetros, Mostímetros, Pesa-mostos, Termómetros de Fermentação para Lagar, etc.), Filtros, Bombas de Trasfega, Amiantos, Placas e todo o Material da consagrada marca **SEITZ-WERKE**.

PEDIDOS A:

António G. Pinto de Freitas

Rua Saraiva de Carvalho, 41 a 47 — PORTO — Telefones: 27350 e 36712

4133



Funda Elástica
S/ MOLAS E S/ PELOTAS

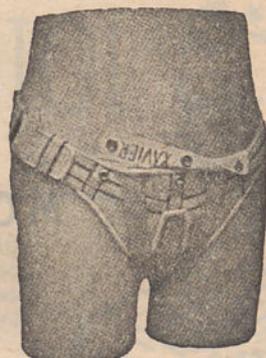
CASA XAVIER

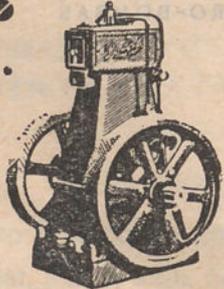
Albino Pinheiro Xavier, Filhos
ORTOPEDISTAS

161, Rua dos Caldeireiros, 165—PORTO

Telefone, 22908

1701





MOTORES A ÓLEO
BAMFORD

DIESEL

O MELHOR MOTOR INGLÊS PARA A AGRICULTURA E PEQUENA INDÚSTRIA

RESISTENTES
SIMPLES
FÁCEIS DE MANEJAR
ECONÓMICOS
GARANTIDOS

JAYME DA COSTA, L^{da}
14 - R. dos Correios - LISBOA
12 - P. da Batalha - PORTO

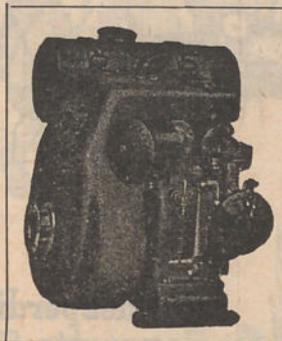
MECÂNICA E ELECTRICIDADE
EM TODAS AS APLICAÇÕES

Desde 3 1/2 HP - 600 R.P.M.

1169

Motores e Grupos de Rega

VILLIERS



MOTORES A PETRÓLEO

QUATRO TEMPOS

MARK 10, MARK 20, MARK 25, MARK 40

1,1 HP 2 HP 2,4 HP 3,3 HP

GRUPOS DE REGA DE

1 1/2" 2" 2 1/2" 3"

ENCONTRÁ-LOS-Á NAS BOAS CASAS DA SUA REGIÃO

REGUE COM VILLIERS E REGARÁ TRANQUILO

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

SOCIEDADE TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.

PORTO — Av. dos Aliados, 168-A
Telef. 26526/7

LISBOA — R. Filipe Folque, 7-E e 7-F
Telef. 53393 3582

PASTAS Comerciais e de Estudantes
MALAS em couro, chapeadas e para avião

CONSERVAM-SE MALAS
NÃO CONFUNDIR

José Apolinário

31-Rua do Loureiro-33
(Pegado à Pensão de S. Bento)

TELEPHONE, 23636 — PORTO



1943

Cruz, Sousa & Barbosa, L.^{da}

Papéis e Máquinas Gráficas

R. D. João IV, 567 — PORTO

Telefs. 27656 e 27657

2457

Atomizadores de dorso leves e robustos

COM MOTOR DE 3 C. V. — 70 C. C.
para *Atomização, Polvilhação*
e *Lança chamas*



Podem ser montados com bocal duplo para duas saídas, e bomba de elevação com tubo de prolongamento para tratamento de árvores e ramadas altas

Agência Geral Gutbrod

Rua de José Falcão, 152-156
Telefs.: 20947 / 20948 — PORTO

Gutbrod

Motorcultivadores para ceifar ervas, cereais e mato

próprios também para *Sachar, Cavar vinhas*
e *pomares, Abrir regos, Pulverizar,*
Transportar, etc.

MOTORES DE:

4 C. V.

6 C. V.

10 C. V.

a tractol e a gasóleo



Gutbrod

3781

O trabalho de menino é pouco

A Casa Malta
continua a fornecer
nas melhores condi-
ções todos os tipos de:

A d u b o s
Insecticidas e
Fungicidas

M á q u i n a s
agrícolas

e ainda toda a varie-
dade de

Sementes

para *Horta, Prado*
Jardim e Pastos.

B o l b o s

recebidos directa-
mente da Holanda:
Jacintos, Narcis-
os, Iris, Tulipas,
Ranúnculos,
Anémonas,
etc., etc.

□

No seu próprio inte-
resse, consulte sempre

Malta & C.ª L.ª da

R. Firmeza, 519 — PORTO
Telefone, 20315

2697

mas quem não
o aproveita
é louco



não desperdice
o aumento
de produção
na cultura
do trigo

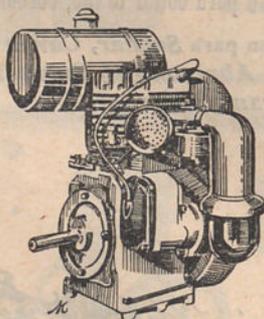
utilize



SULFATO DE AMÓNIO

AP. 7/A

3104



Motores a petróleo

“WISCONSIN”

sempre em armazém

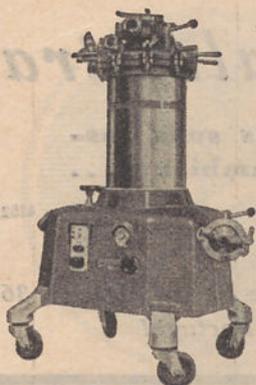
PEÇAS DE RESERVA ORIGINAIS

Distribuidores exclusivos em Portugal

CASA CAPUEHO

LISBOA - PORTO

4086



Filtros — *De aço inoxidável, para vinhos, vinagres, azeites, etc.*

W i n o — *Mastique especial para a vedação perfeita do vasilhame.*

Tartrix — *O produto ideal para lavagem e desinfecção de vasilhame vinário, leiteiro, etc.*

Collogel — *O produto que evita a precipitação do cremotartaro nos vinhos engarrafados.*

Produtos Enológicos - Material de Adega - Análises



RAMO AGRICOLA da

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

Avenida Rodrigues de Freitas, 68 — PORTO — Telefone, 55161

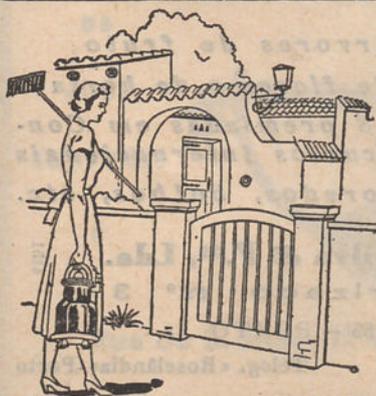
4018

*O Caminho de Ferro
é o transporte ideal,
pois é seguro, rápido
prático e económico.*

1503



3384



“VIBRO-VERTA”

A BOMBA SUBMERSÍVEL ELECTROMAGNÉTICA

PARA:

Usos caseiros - Pequenas regas - Lavagens a pressão
BARATA * CONSUMO INSIGNIFICANTE * PORTÁTIL
Não requer cuidados nem instalação especial
Liga-se a qualquer linha monofásica da iluminação
Demonstrações grátis

4112

REPRESENTANTE GERAL J. L. DUARTE DE ALMEIDA, SUC.RA
PARA RUA DE S. MIGUEL, 61 — PORTO
PORTUGAL E ULTRAMAR TELEF. 26515

Restaurante *Nova Palmeira*



**EXPERIMENTE: a sua cozinha, as suas instalações climatizadas e o seu ambiente...
E VOLTARÁ...**

4152

RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 182
Telefone 35601

*

Travessa de Passos Manuel, 36
PORTO-Portugal



*Só as melhores rações
são embaladas em*

**SACOS DE PAPEL
GRAHAM**

Rua da Alfandega, 160 — Lisboa
Telef. 32 00 66



4136



*As mais seleccionadas árvores de fruto
As melhores sementes de flores e de horta
As mais lindas ROSAS premiadas em Con-
cursos Internacionais
Camélias, arbustos, arvoredos, bolbos, etc.*

Alfredo Moreira da Silva & F.ºs, Lda.
Viveirista autorizado n.º 3

4151

Rua D. Manuel II, 55 — PORTO

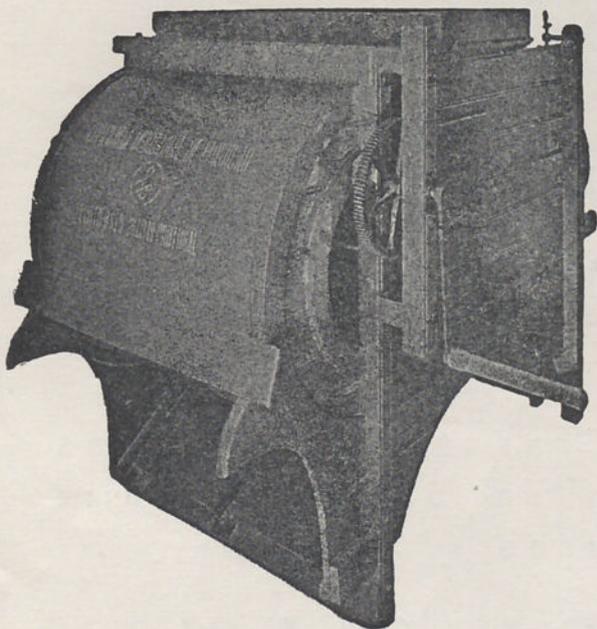
Telef. 21957

Teleg. «Roselândia»-Porto



COMPANHIA INDUSTRIAL DE FUNDIÇÃO

S. A. R. L.

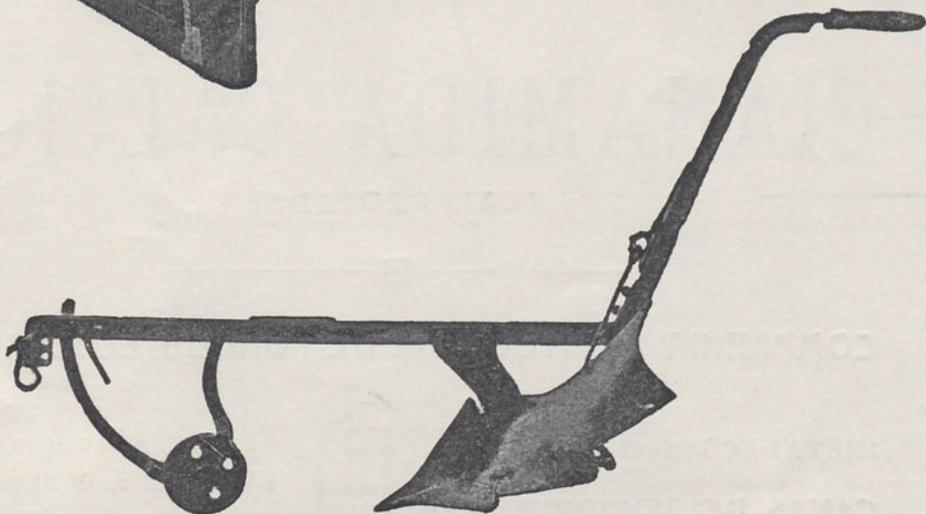


•
CHARRUAS
DESCAROLADORES
TARARAS

TUDO O MATERIAL
AGRÍCOLA

•

Dirija
as
suas
consultas
à



Rua de S. João, 17 a 21—**PORTO**—Telefone P. P. C.

24927
24928
24929



Snr. Lavrador

A matéria orgânica é indispensável para se obterem bons rendimentos.

Transforme as suas palhas em óptimo estrume utilizando

3106

CIANAMIDA CÁLCICA

(CAL AZOTADA)



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉTRICOS

INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM



SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º
LISBOA — TELEF. 368989